

PEDRO VITTOR GARCIAS GONÇALVES

**“Não sou só uma, sou várias outras áreas da minha vida”: Considerações
sobre Neoliberalismo, Medicalização e Formação em Psicologia no Ensino
Superior Privado**

Uberlândia

2023

PEDRO VITTOR GARCIAS GONÇALVES

**“Não sou só uma, sou várias outras áreas da minha vida”: Considerações
sobre Neoliberalismo, Medicalização e Formação em Psicologia no Ensino
Superior Privado**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Anabela Almeida Costa e Santos Peretta

Uberlândia

2023

PEDRO VITTOR GARCIAS GONÇALVES

“Não sou só uma, sou várias outras áreas da minha vida”: Considerações sobre Neoliberalismo, Medicalização e Formação em Psicologia no Ensino Superior Privado

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Anabela Almeida Costa e Santos Peretta

Banca Examinadora

Uberlândia, 05 de Dezembro de 2023

Prof^ª. Dr^ª. Anabela Almeida Costa e Santos Peretta
Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Prof^ª. Dr^ª. Carmen Lúcia Reis
Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Prof. Ms. Bruno Corrêa Sartini
Universidade Estadual de Minas Gerais - Ituiutaba, MG

Prof^ª. Dr^ª. Cirlei Evangelista Silva (Suplente)
Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Uberlândia, 2023

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Divina (Cissa) e José, por terem me ensinado que a educação é uma das poucas coisas que não conseguem tirar de nós. Que o estudo não é algo a ser aprendido, mas vivido. Por terem me ensinado a sonhar. Por terem trabalhado e abdicado de tanto para me permitir correr atrás daqueles que eram possíveis. Pelo suporte emocional e participação ativa na construção dessa caminhada.

À minha irmã, Catarina, pela parceria, pelos afetos, pelas trocas e pelo conforto na minha vida. Estou sempre aqui por você!

Aos meus avós, Antônia, Agrival e Maria, que não mediram esforços para que eu tivesse condições de estudar, viver e ser feliz ao longo desses anos.

À Lázaro, meu companheiro, por cruzar meu caminho e escolher construir junto comigo no cotidiano uma relação leve, compreensiva, afetuosa e de muito companheirismo.

À minha Tia Fátima, minha Madrinha Geane, meu Tio Clemilson e tantos familiares que foram suporte fundamental durante minha escolarização, vocês também fazem parte dessa conquista.

À Josy, pela amizade sincera, por me ensinar tanto sobre a vida e compartilhar comigo momentos importantes dessa trajetória.

À Renata, pela amizade, pelos diálogos potentes e pelo suporte nessa reta final da graduação.

À Jolie, pelas trocas e por topar construir junto comigo um grupo de estudos em gênero e sexualidade, mesmo com pouco apoio. E a João e Thaís por terem feito parte desse processo.

À Professora Carmen, por ter me apresentado uma prática em Psicologia Escolar que se permite experienciar o cotidiano da escola, que tem um olhar atento e sensível para a complexidade das relações que ali se constituem.

À Professora e Psicóloga Escolar Cláudia Silva, por ter me permitido conhecer e compartilhar um pouco de sua atuação, me ensinando tanto sobre esse fazer.

À Professora Luciana, por ter me ensinado com muito cuidado os primeiros passos da prática em pesquisa.

À Professora Anabela, minha orientadora, por ter me inspirado a reencontrar uma escrita que estava perdida em algum lugar da minha história. Por me ensinar sobre a sensibilidade e o compromisso social da pesquisa em Psicologia.

À professora Silvia, por me ensinar a importância de uma prática política e articulada com a teoria.

Ao Professor Ricardo e colegas de estágio, por me mostrarem a possibilidade de uma clínica crítica, ampliada e produzida coletivamente.

À todas(os/es) que tem um compromisso com a construção de uma Universidade Pública democrática e de qualidade, mesmo diante de tantos ataques.

Ao seu Hélio, pela generosidade das caronas nessa reta final de curso.

À Rosa, por compartilhar sua trajetória escolar e formativa conosco, contribuindo tanto com essa pesquisa.

Aos membros da extensão 'Desmedicaliza UFU', a profundidade dos nossos diálogos foram fundamentais na construção desse trabalho.

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender como uma estudante de Psicologia de uma Instituição Privada de Ensino Superior da cidade de Uberlândia compreendia e/ou vivenciava o fenômeno da Medicalização na sua formação, considerando as contradições do projeto neoliberal de indivíduo e educação. A medicalização é um fenômeno que individualiza questões históricas e sociais, que implica no estabelecimento de padrões ideais de como ser e viver e, conseqüentemente, escamoteia a diversidade humana e a multideterminação. No contexto atual, a perspectiva eleita como ideal é constituída pelo pensamento neoliberal, que concebe a existência por uma lógica empresarial. Assim, a medicalização é uma ferramenta de manutenção da ordem moral burguesa e adentra o campo da Psicologia na produção de explicações e intervenções de ajustamento e/ou exclusão. Portanto, a formação em Psicologia, atravessada por essa lógica neoliberal, pode reproduzir perspectivas medicalizantes, o que ocorre de maneira exacerbada nas instituições privadas de ensino superior. Trata-se, então, de um estudo de caso que foi realizado a partir de um formulário de pesquisa on-line e de uma entrevista semiestruturada. A análise das informações foi feita através dos núcleos de significação, em diálogo com a Psicologia Histórico Cultural. Pudemos compreender sobre as contradições presentes em uma escolarização marcada pela lógica neoliberal. Além disso, desvelaram-se os mais diversos campos formativos que eram abarcados pela formação da estudante, que iam para além da sala de aula. Por fim, analisamos o quanto o conceito de medicalização é um instrumento importante na organização do pensamento e na análise da realidade, mas não passa a existir apenas quando tomamos consciência dele. Assim, mesmo não tendo estudado sobre medicalização, elementos medicalizantes e desmedicalizantes apareceram nas narrativas da estudante sobre a graduação e a vida.

Palavras-chave: Psicologia; Ensino Superior; Medicalização; Neoliberalismo;

ABSTRACT

This research sought to understand how a Psychology student from a Private Higher Education Institution in the city of Uberlândia understood and/or experienced the phenomenon of Medicalization in her education, considering the contradictions of the neoliberal project of individual and education. Medicalization is a phenomenon that individualizes historical and social issues, which implies the establishment of ideal standards of how to be and live and, consequently, hides human diversity and multi determination. In the current context, the perspective chosen as ideal is constituted by neoliberal thinking, which conceives existence through a business logic. Thus, medicalization is a tool for maintaining the bourgeois moral order and enters the field of Psychology in the production of explanations and interventions for adjustment and/or exclusion. Therefore, training in Psychology, permeated by this neoliberal logic, can reproduce medicalizing perspectives, which occurs in an exacerbated manner in private higher education institutions. This is a case study that was carried out using an online survey form and a semi-structured interview. The analysis of the information was carried out through the meaning cores, in dialogue with Cultural-Historical Psychology. We were able to understand the contradictions present in a schooling marked by neoliberal logic. Furthermore, the most diverse training fields that were covered by the student's training were revealed, which went beyond the classroom. Finally, we analyze how the concept of medicalization is an important instrument in organizing thought and analyzing reality, but it does not only come into existence when we become aware of it. Thus, even though she did not study medicalization, medicalizing and demedicalizing elements appeared in the student's narratives about graduation and life.

Keywords: Psychology; Higher Education; Medicalization; Neoliberalism;

SUMÁRIO

1. O PASSO QUE INAUGURA A CAMINHADA.....	9
2. A HISTÓRIA QUE NOS PERMITE TRILHÁ-LA.....	13
2.1. Medicalização da Sociedade e da Educação: Ciência, Ideologia e Luta.....	13
2.2. A Medicalização e o Indivíduo Neoliberal.....	20
2.3. O Projeto de Educação Neoliberal e o Ensino Superior Privado.....	25
2.4. Formação em Psicologia e Medicalização no Neoliberalismo.....	28
3. O CHÃO QUE NOS SUSTENTA.....	31
4. DO PLANEJAMENTO E DOS DESENCONTROS AO ENCONTRO.....	36
4.1. A Construção da Pesquisa.....	36
4.2. A Análise das Informações.....	39
5. AS PAISAGENS QUE CONTEMPLAMOS	42
5.1. <i>"Já tinha me desconstruído e construído outras coisas"</i> : sobre uma formação que acontece de maneira ampla, no movimento da vida.....	42
5.2. <i>"Uma faculdade que te forma pro mercado de trabalho"</i> : as contradições do percurso formativo no neoliberalismo.....	51
5.3. <i>"Quando eu não estudo eu não me sinto legal"</i> : a autogestão do indivíduo neoliberal no Ensino Superior e outras possibilidades de constituição de si.....	55
5.4. <i>"Achei que cê tava falando de mercantilização"</i> : o conceito de medicalização e a formação em Psicologia.....	59
6. POR UMA FORMAÇÃO DESMEDICALIZANTE EM PSICOLOGIA.....	64
7. REFERÊNCIAS.....	67
8. APÊNDICE A.....	73
9. APÊNDICE B.....	75

1. O PASSO QUE INAUGURA A CAMINHADA

Toda caminhada tem um passo que a inaugura, um chão em que se sustenta e uma história que permite que seja empreendida. No percurso que iremos trilhar para fundamentação da análise que será feita, ou seja, para a compreensão do fenômeno da medicalização e suas interlocuções com a formação em Psicologia no contexto neoliberal, é preciso antes olhar para a história que organiza as paisagens com as quais iremos nos deparar e quais elementos constituem o caminho que nos levará até elas. Se pretendemos aqui falar de uma escolha que dá o pontapé para esse ensaio, antes é preciso contar como foi construída, já que não trabalhamos aqui com uma perspectiva de ciência que não conta seus porquês, seu percurso histórico e seus posicionamentos.

Cheguei ao curso de psicologia carregando em mim frutos de verdadeiros encontros com movimentos sociais¹, com o pensar coletivo e com a possibilidade de imaginar e construir outros modos de viver que escapam ao tradicional, então tinha expectativas importantes sobre uma formação que abarcasse tais questões. Gratas contradições perpassa(ra)m esse processo formativo, encontrei uma Psicologia diversa que traz consigo potencialidades normativas e transformadoras, ‘neutras’ e extremamente políticas, conformadoras e transgressoras.

O interessante é que ao longo desses anos, à medida que compreendia melhor a complexidade dos fenômenos sobre os quais essa ciência e essa profissão se debruça, ora ou outra alguns desses aspectos se velavam, passavam-se como naturais, inclusive nas vivências que compartilhava com colegas. Não foram raras as vezes em que sentimos que deveríamos

¹ Não cheguei a compor movimentos sociais efetivamente, mas pude acompanhar a Seção Sindical de Docentes de uma Universidade Federal nas manifestações de 2016 em Brasília contra o Impeachment de Dilma Rousseff. Tive o privilégio de conhecer a rotina de um assentamento do MST e acompanhá-los nas manifestações de 2017 pela não aprovação das contrarreformas, em Brasília. E participei da fundação de um Coletivo LGBTQIA+ em uma cidade do interior de Goiás, hoje descontinuado.

ser gratos por adentrar o espaço da universidade pública, sob o argumento de que muitos ficaram para trás nos processos seletivos, deixando de lado uma discussão crítica sobre acesso universal à educação pública, sobre justiça social e permanência no ensino superior.

Temos das seis da tarde até às seis da manhã para dar conta de uma vida que é mais que a formação, mas escapa importância do descanso para a aprendizagem no ensino superior, a processualidade da formação e os múltiplos contextos de vidas que temos. Ou, veja só, o curso é integral, então muitos precisam se desdobrar para se manter e conseguir dar continuidade na graduação. Fora a competitividade impulsionada por um modo de pensar neoliberal e meritocrático de que em alguns espaços nosso currículo valeria mais do que nós mesmos, então a meta seria construí-lo com o máximo de conteúdo possível, e a experiência ficaria em segundo plano.

Veja que aqui apresento um recorte e uma narrativa específica desse percurso, constituído por diversos atores, mas que não definem o todo que é uma graduação. Encontrei também as potencialidades dessa (formação em) Psicologia que movimenta, que chama para o diálogo, que não esconde a que veio e para quem, que busca romper os muros da academia sem perder o rigor teórico e metodológico, que se permite ser afetiva. E através dela pude olhar para minhas inquietações e tive espaço para compartilhá-las, em especial acerca da maneira como a área se posiciona frente à diversidade humana.

A partir de discussões nas disciplinas de Psicologia da Aprendizagem e Epistemologia da Psicologia emergiu a construção de um grupo de estudos informal sobre gênero e sexualidade com colegas, e lá começamos a gestar nossas necessidades de um currículo que abarcasse essas questões, correndo atrás de leituras e diálogos. Em meio a todo esse processo me deparei pela primeira vez com o termo medicalização, aqui referenciada à

homossexualidade. Ainda iniciante no curso e com dificuldade na compreensão do que se tratava, não busquei me aprofundar.

No meio da graduação, dentro das discussões sobre a história da loucura na disciplina de Psicopatologia Geral 1 e sobre a história da Psicologia na interface com a educação em Psicologia Escolar 1 começamos a compreender melhor o que é esse fenômeno e a maneira como ele está presente na história da Psicologia, atuando em favor de interesses burgueses e naturalizando a exclusão do diferente. Daí começo a me interessar pela temática.

Pude experienciar em projetos de extensão e nos estágios profissionalizantes em Psicologia escolar e Psicologia clínica a maneira como a medicalização é um discurso e um processo atrativo, que desresponsabiliza os indivíduos da construção de suas relações, que apaga o contexto histórico-cultural adoecedor em que vivemos por dar a resposta mais rápida e prática para os problemas. Mas, foi no projeto “Medicalização da Educação e da Vida: saberes e fazeres” em que descobri o outro lado que não havia se mostrado ainda: existem pessoas que se organizam para compreender e lutar contra esse fenômeno.

Essa extensão me proporcionou uma compreensão crítica acerca da medicalização por meio do aprofundamento teórico, mas também pela vivência, pela possibilidade de dialogar sobre o cotidiano universitário e o nosso sentir frente ao curso. Nessa formação que é feita por pessoas que se relacionam a partir do que é possível dentro de suas condições de vida, nem sempre encontramos ambientes em que a singularidade e a coletividade tenham espaço para conviver. Neste lugar entendi que uma luta contra a medicalização em nossa prática profissional perpassa também olhar para como ela nos atravessa, e que o fazer psi, mesmo na clínica, se torna mais vivo e desmedicalizante quando feito em conjunto.

A partir de todos esses elementos começo a pensar sobre como a medicalização não só faz parte do conteúdo e da prática psi, mas também das experiências universitárias e o quanto

ela é reforçada por um modo de viver neoliberal. Expressado nas autocobranças, no uso indiscriminado de medicamentos para dor no corpo depois de horas sentados na frente de um computador, para se manter acordado e atento no lidar com as demandas, no sofrimento individualizado por uma formação que sempre vai ser faltante e no cansaço por tentar abraçar o mundo quando, em meio a comparações, achamos que é preciso fazê-lo.

Até o momento, tinha acesso a essa perspectiva em um contexto específico, na universidade pública. Então, em conversa com minha orientadora e por questões burocráticas, começamos a deslocar esse lugar para estudantes de Psicologia que se formam em faculdades privadas. O cenário da educação privatizada se torna um espaço interessante a ser observado, pois ao mesmo tempo que tem como um de seus nortes o lucro e a garantia de um bom posicionamento de mercado aos seus investidores egressos, também favorece o ingresso de estudantes trabalhadores, ofertando o ensino em turno único.

Dessa forma, as encruzilhadas entre educação e mercado, (formação enquanto) produto e (formação enquanto) processo passam a compor essa investigação. Por isso, me desperta o interesse em compreender como têm se constituído as relações com o estudo e o ambiente acadêmico na formação para esses colegas e de que maneira a medicalização fez parte, até o momento, de suas discussões em sala e vivências. Isso sem desconsiderar que o neoliberalismo compõem o contexto histórico-cultural do qual partimos.

Portanto, os seguintes questionamentos nortearam a construção desse trabalho: De que maneira a medicalização está presente na formação de psicólogos? Qual a relação entre os processos de constituição do indivíduo no neoliberalismo e a medicalização da educação? De que maneira essa articulação chega até estudantes de Psicologia, sobretudo de instituições privadas, tanto em seu percurso escolar quanto em sua formação profissional?

2. A HISTÓRIA QUE NOS PERMITE TRILHÁ-LA

2.1. Medicalização da Sociedade e da Educação: Ciência, Ideologia e Luta

A Medicalização é um fenômeno polissêmico, ou seja, pode ser conceituado a partir de distintas perspectivas do conhecimento (Freitas & Amarante, 2017). Nos atemos aqui à compreensão referenciada pelo Fórum Sobre Medicalização da Educação e da Sociedade, que promove um olhar amplo para a temática, considerando seu processo de constituição histórico-cultural e manifestação na especificidade do contexto brasileiro.

Em primeiro momento, ao ser lançado, o fórum apresenta uma definição sucinta que ainda não abrangia a complexidade do fenômeno, definindo-o como a transformação, de maneira artificial, de questões de diversas ordens em problemas exclusivamente médicos. A partir disso, a medicalização deixa de lado elementos políticos, sociais, econômicos, culturais e históricos que compõem os processos de vida das pessoas (CRP/SP, 2010).

Desde então, a interface entre os sistemas de opressão econômica, racial, territorial, regional, de gênero e de sexualidade com a medicalização começa a interessar mais o movimento. Em seu “V Seminário Internacional A Educação Medicalizada: Existirmos, a que será que se destina?” é lançado um manifesto ampliando a compreensão do fenômeno e demonstrando sua articulação com modos de vida hegemônicos e interesses mercadológicos sobre a vida e a morte.

O manifesto demonstra que à medida que elege um sujeito ideal, a medicalização coloca em oposição todes(as/os) que se constituem à margem de seus marcadores de normalidade, sendo parte de uma “racionalidade que naturaliza a vida humana, e, no mesmo giro reducionista e determinista, formata quais são os tipos “naturalmente” valorizados ou desvalorizados, desejáveis ou indesejáveis” (Fórum Sobre Medicalização da Educação e da Sociedade, 2020, p.194). Nesse sentido, deixa-se escapar a multideterminação da vida e

promove-se o consumo e a (re)produção de padrões comportamentais, afetivos e sociais específicos.

Para tanto, as justificativas para a determinação da medicalização são universalizantes, ao passo que utilizam da biologia como fator de padronização da experiência humana, e individualizantes, à medida em que coloca no indivíduo a responsabilidade pelo ajustamento à norma convencionada de saúde. Ainda, alimenta uma aversão ao diferente, resultando na exclusão daqueles não merecedores do convívio social com os considerados normais, fazendo com que os indivíduos se constituam dentro de uma eterna necessidade de auto-vigilância e auto-regulação (Fórum Sobre Medicalização da Educação e da Sociedade, 2020).

Assim, a medicalização não está presente apenas no uso de medicações ou no emprego indiscriminado e acrítico de categorias nosológicas ao sofrimento humano. Ou seja, não está apenas nos seus efeitos afirmativos, mas potencialmente naquilo que omite e silencia. Na não legitimação do contexto de vida adoecedor em que vivemos, numa linguagem cotidiana permeada de termos psis que individualizam processos coletivos, na necessidade constante de atingir um padrão produtivo inalcançável, na valorização de uma narrativa meritocrática sobre a vida e na delimitação do espaço clínico como único possível de expressão e acolhimento da singularidade.

Portanto, esse fenômeno atua dentro de interesses conservadores, destituindo-nos da possibilidade de construir coletivamente outras formas de existência. Não confundindo-se com outras maneiras de opressão e naturalização da vida, mas articulando-se com elas em um empreendimento social burguês e excludente. Contudo, uma mera definição não apresenta de maneira óbvia o que é a medicalização e como ela se transforma nesse complexo fenômeno que foi apresentado, para tanto é preciso retomar seu processo histórico.

Seu surgimento se dá na sociedade ocidental ao longo da modernidade, entre os séculos XVI e XVIII. O êxodo rural e a expansão das cidades europeias, sem planejamento urbano, impulsionados pela revolução industrial e a revolução francesa promoveram uma proliferação de doenças muito grande, em especial entre as populações menos abastadas. Nesse contexto, a medicina se coloca como uma aliada na busca por respostas a esses problemas. Na Alemanha, como agente estatal, na França, como medicina urbana para viabilizar a ideia de um Estado unificado e moderno, e na Inglaterra, como resposta à pressão de uma burguesia que se sentia ameaçada pela luta de classes (Galindo, Lemos, Vilela & Garcia, 2016).

Com um modelo de saúde que focava nos sintomas, a ciência médica passou por um intenso desafio, pois o foco em curar doenças não era o suficiente para o contexto da época, era necessário uma mudança interna para conseguir atender às demandas da cidade. Assim, surge o modelo da medicina social, que vê na prevenção uma saída, uma nova medicina que se movimenta não mais somente em torno do orgânico, mas do contexto de vida. Pois, a partir de então, o que gerava o adoecimento eram os hábitos e os comportamentos das pessoas, que precisavam ser educadas (Freitas & Amarante, 2017).

Tal alternativa, à primeira vista, pode ser compreendida com total positividade, como um grande salto na história da humanidade, e aqui não nos propomos a negar isso. Contudo, por mais que essa transformação da medicina tenha respondido às necessidades de sua época e promovido avanços até então não vistos, não deixa de ser complexa e ter suas contradições.

Tuleski (2012) nos conta que ao longo da Revolução Francesa no século XVIII a burguesia percebeu que seus ideais de igualdade, fraternidade e liberdade não se sustentavam frente às desigualdades sociais existentes na vida material da sociedade e para isso precisava de argumentos que as justificassem. Assim, se o Estado não garantiu as transformações em

curso, a ciência teve que entrar em cena para contorná-las com suas explicações racionais. Não à toa, a medicina urbana ganha destaque nesse período, promovendo um olhar direcionado às pessoas consideradas doentes, suas vidas e o ambiente urbano em que circulavam (Galindo, Lemos, Vilela & Garcia, 2016).

Em consonância, na Inglaterra do século XIX, com o fortalecimento das populações pobres após a Revolução Francesa e seu potencial revolucionário, a burguesia inglesa se vê diante de uma ameaça a seu status social. Surge então uma necessidade de higiene e controle dessas populações e, para tanto, utiliza-se do avanço das doenças na cidade como justificativa para promover uma medicina voltada aos pobres. Assim, encontra-se uma via de proteção para a burguesia através do controle dos modos de vida do proletariado, tornando-os mais produtivos e suscetíveis à escolarização e à exploração capitalista (Galindo, Lemos, Vilela & Garcia, 2016).

Nessa história, à medida em que adentra nos hábitos e comportamentos das pessoas, a medicina se apropria da vida e coloca em linhas de normalidade e patologia o cotidiano dos trabalhadores, transformando em doença aquilo que não é compatível com o ideal burguês de sujeito vigente na sociedade. Contudo, um fenômeno escapava dos caminhos trilhados pela medicina até então: a loucura. A medicina que se desenhava à época ainda não prevenia e dava vias de tratamento a essa população improdutiva e que se aglomerava no Hospital-Geral, que muito além dos loucos, também recebia aqueles considerados pervertidos e marginais (Amarante, 1996).

Dessa maneira, busca-se um novo caminho teórico-prático que dê conta dessa doença que não tem localização aparente, da qual os sintomas relatados demonstram uma perda da razão. Pinel, médico e filósofo francês, inspirado na tradição empirista, em que os fenômenos podem ser compreendidos a partir da observação, e na filosofia nominalista, em que a

percepção e a linguagem são fundamentais na construção da clínica, intenta estudar a loucura a partir de sua descrição, nomeação e agrupamento (Amarante, 1996).

Opera-se então a transformação da loucura em alienação mental e essa passagem marca o nascimento de um conhecimento situado entre a medicina e a filosofia. Enquanto sua base nas ciências naturais busca localizar na anatomia humana as causas dessa alienação, suas bases filosóficas, com grandes contribuições de Hegel, começam a compreendê-la não mais como uma ruptura com a racionalidade, mas como uma contradição inerente à ela. Assim, identifica-se uma questão de ordem moral que perturba a normalidade nesse grupo de pessoas e, portanto, o tratamento deveria ser feito através de sua reconstituição no interior delas - o que contribui significativamente para o surgimento dos manicômios e da Psiquiatria (Amarante, 1996).

O retrato da época aponta para o aumento do interesse social, político e científico acerca das questões do que a filosofia tratava como a alma humana. Diversas tradições do conhecimento vão delimitando seus trajetos para abordar esses fenômenos, com grande desejo de independência da metafísica e reconhecimento enquanto ciência própria, o que resulta no surgimento da Psicologia. Assim, para atender ao padrão científico das ciências naturais, distintas compreensões sobre seu “objeto” de estudo e seu método vão sendo elaboradas nessa área, o que promove uma crise que se estende ao longo de toda a sua história, demarcada por uma pluralidade epistemológica (Figueiredo, 2008).

Como a ciência passava por um momento de intensa aplicação no cotidiano das pessoas, em especial pelo avanço tecnológico das Revoluções Industriais, uma grande parcela da Psicologia adquire essa perspectiva utilitarista em seu desenvolvimento. A inserção da área nas indústrias e nas escolas era um imperativo à nova ordem social que se estabelecia, pois um novo tipo de mão de obra começava a ser exigido e, para tanto, os indivíduos precisavam

ser preparados para o trabalho e se adaptar às exaustivas rotinas da fábrica. Assim, a Psicologia entra em campo na seleção e preparação desses operários, um verdadeiro esforço no estabelecimento das relações produtivas em transformação (Patto, 2022)

Considerando o intento de ser reconhecida enquanto ciência e sua necessidade de aplicabilidade, coloca-se em primeiro plano na Psicologia a transposição de modelos das ciências naturais para a construção de seus instrumentos. Tal orientação foi impulsionada pela criação dos testes Psicológicos, pois estes traziam consigo “a ilusão de um saber válido, preciso, preditivo e de amplas possibilidades de generalização” (González Rey, 2013, p. 21).

Esse pensamento ganhou força no Brasil no final do século XIX e na primeira metade do século XX, muito influenciado pelo discurso imperialista europeu de evolucionismo social (Firbida & Vasconcelos, 2019). Considerando o contexto de abolição legal da escravatura e as mudanças econômicas e políticas da oligarquia cafeeira do país na época, a Medicina se aliou com a Ciência Psicológica para adentrar nas instituições sociais, em especial na escola (Firbida, 2017).

Dessa maneira, a Psicologia ganha destaque no país ao se inserir no ambiente escolar com seus testes, como maneira de categorizar os sujeitos e discipliná-los à mercê de um projeto de higiene social e mental (Firbida, 2017). Além disso, recebe contornos políticos, econômicos e históricos específicos que direcionam sua prática para um utilitarismo colonizador, a serviço de uma hegemonia social burguesa, branca e europeia. Dessarte, o conhecimento psicológico é construído relegando ao sujeito ou à família a culpa pelo seu desempenho educacional em detrimento dos fatores histórico-culturais e educacionais (Patto, 2022; Antunes, 2008), uma verdadeira medicalização da educação.

Essa história não se mostra muito diferente em inserções da Psicologia no contexto escolar que visam exclusivamente a adaptação sócio-emocional dos estudantes a uma rotina

exaustiva de estudos para realizarem um vestibular. Em que é chamada apenas para resolver os conflitos que emergem nas instituições, sem poder desenvolver outros trabalhos voltados para as relações cotidianas. Onde precisa identificar, classificar e encaminhar de maneira acrítica e robotizada aqueles que apresentam dificuldades no processo de escolarização, sem olhar para a singularidade de cada estudante².

Partindo dos elementos discutidos até então, podemos ver desvelar-se uma relação ideológica entre a ciência psicológica e a medicalização. Quando adentramos no campo da ideologia, trazemos uma concepção marxista do termo, onde o processo de construção de determinado conhecimento se desvincula de sua historicidade e apresenta-se como natural, apagam-se os tensionamentos e contradições de sua elaboração e se universaliza seus pressupostos como se fossem de interesse comum a todos, sendo na verdade interesses da classe dominante (Chauí, 2008). Dessa maneira, buscam-se justificativas para naturalizar a dominação e a exclusão de modo que a burguesia possa “manter sua hegemonia mesmo sobre os vencidos, pois estes interiorizam a suposição de que não são sujeitos da história, mas apenas seus pacientes” (Chauí, 2008, p. 125)

Assim, quando os saberes biomédicos assumem a verdade sobre a vida e colocam a biologia, os medicamentos e determinados comportamentos como prescrição única da saúde, silenciam outros conhecimentos e escondem os interesses burgueses contidos em suas práticas. E, aqui, o processo de medicalização mostra-se tão ideológico que nem mesmo é nomeado, apenas se apresenta como parte natural da busca por explicações acerca do adoecimento humano e, portanto, não é passível de questionamento.

Entretanto, outras narrativas históricas são delineadas, ainda que não alcancem o mesmo status daquela valorizada socialmente, e aqui trazemos um outro recorte dos caminhos

² Me refiro ao conceito de singularidade, tal como proposto pela Psicologia Histórico-Cultural, que será apresentado de maneira mais detalhada na seção número 3, intitulada “O chão que nos sustenta”.

que se abriram dentro da história da medicalização. Ao passo em que o fenômeno foi se engendrando no capitalismo, movimentos de resistência foram sendo construídos, colocando em cheque a naturalização de suas manifestações no cotidiano da sociedade. A articulação em torno da causa no Brasil se impõe principalmente no campo político, compreendendo que os parâmetros de saúde e educação são construídos a partir do diálogo com os agentes legislativos e a sociedade.

Assim, um dos principais movimentos brasileiros na luta contra a medicalização surgiu: o Fórum Sobre Medicalização da Educação e da Sociedade. Ele é constituído como um conjunto de profissionais, civis, entidades e organizações que se colocam ativamente na produção de espaços de diálogo sobre essa questão e maneiras de se pensar acerca da diversidade humana por uma perspectiva desmedicalizante. Tal organização se originou em São Paulo e foi, aos poucos, reverberando no país por meio de núcleos, e leva consigo a bandeira de popularização da luta (Angelucci, 2014).

O movimento possui parcerias com outras coletividades que lutam contra o processo de medicalização, como o Forum Infancias (Argentina)³, o L'Appel des Appels (França)⁴ e o Stop DSM (multinacional)⁵. O caráter internacional da luta demonstra o impacto do fenômeno em diversos territórios e culturas, revelando o quanto as perspectivas científicas ocidentais da modernidade foram se universalizando, em especial pela colonização, e passaram a constituir de maneira particular a história de muitos povos.

2.2. A Medicalização e o Indivíduo Neoliberal

³ <https://foruminfancias.com.ar>

⁴ <http://www.appeldesappels.org>

⁵ <https://stopdsm.blogspot.com>

Apresentamos brevemente alguns recortes do processo de constituição histórica da medicalização e sua interface com a Psicologia. Mas, considerando as transformações ocorridas pelo aprofundamento do capitalismo ao longo do último século e até a atualidade, nos questionamos sobre a maneira como o fenômeno e a ciência psicológica se articularam com as mudanças no sistema econômico nesse percurso. Para isso, precisamos fazer algumas considerações sobre os impactos da construção do neoliberalismo na cultura e, conseqüentemente, no processo de constituição dos indivíduos.

O neoliberalismo surge dentro das teorias econômicas inglesas na década de 40 do século XX, em especial pelas formulações de Friedrich Hayek. O autor tecia duras críticas ao keynesianismo em crise de sua época, que sustentava a social-democracia na região por meio da intervenção estatal na economia (Pereira, 2023). Em oposição, ele defendia que estabilização econômica somente aconteceria através de reformas que abarcassem uma "abertura comercial e financeira, desregulamentação dos mercados (principalmente o de trabalho e o financeiro), amplo processo de privatização e liberalização dos preços" (Carcanholo, 2008, p. 263). Ou seja, uma minimização do Estado frente à economia como saída.

No Brasil, o neoliberalismo começa a ser implementado no início dos anos 1990, tendo como contexto uma crise econômica após o fim da Ditadura Civil-Militar e a construção da redemocratização. Collor é o primeiro presidente eleito a trazer consigo a bandeira desta nova configuração do capitalismo. Após seu Impeachment, tal política foi continuada por Fernando Henrique Cardoso - FHC (Pereira, 2023). FHC conseguiu promover uma estabilidade econômica com o Plano Real, mas seguiu com o projeto neoliberal de reformas que atacam direitos básicos da população e sequenciadas privatizações, medidas que visavam “retirar os eventuais obstáculos à acumulação ampliada do capital, mesmo que isso,

a longo – ou mesmo médio – prazo signifique mais concentração de riqueza e exclusão” (Negrão, 2004, p. 110)

Uma grande transformação ocorreu com a consolidação de um projeto social-liberal no Governo Lula, uma vertente do liberalismo que cria uma ambiguidade entre os ideais progressistas e os ideais liberais como maneira de mascarar frente à sociedade as desigualdades inerentes a esse sistema econômico (Pereira, 2023). Materialmente isso se deu pela implementação de uma série de programas sociais de ampliação de acesso a serviços e circulação econômica entre as classes mais pobres, como o Programa Bolsa Família e o Programa Universidade para Todos - ProUni (Pereira, 2023).

Outro movimento ocorreu a partir da instauração do governo Temer pelo impeachment de Dilma Rousseff em 2016 e, posteriormente, foi continuada no Governo Bolsonaro com suas práticas ultraneoliberais (Côrtes, 2021). Ambos os governos colocaram em prática uma série de contrarreformas sociais e trabalhistas, em oposição ao que ocorria nos governos anteriores, que "contribuíram para agudizar as expressões da 'questão social' [...] precarizando a condição de vida da classe trabalhadora" (Côrtes, 2021, p. 79).

Então, nos questionamos, onde a Psicologia entra nessa história?

Safatle (2021) ao perceber a presença de termos psicológicos em discussões políticas de cunho econômico se questionou de que maneira e em que profundidade a economia neoliberal se apropria e reproduz conceitos e discursos de ordem psicológica e moral. O autor voltou seu olhar para o surgimento do neoliberalismo, próximo à Segunda Guerra Mundial (1939 -1945), quando o liberalismo clássico estava em queda, e começa-se a perceber que os valores defendidos por esse modo de organização social não seriam inerentes à sua implementação. Assim, seus precursores compreendem que é pela cultura que esse novo liberalismo seria instaurado.

Dardot & Laval (2016) apontam que a relação entre a Psicologia Científica e a economia política começa no século XVIII, quando a Psicofisiologia das sensações conduziu a ideia de um ser humano tomado por esse campo subjetivo e, portanto, compreendido como um ser egoísta voltado aos próprios desejos. Desse modo, esse indivíduo deveria ser controlado, ter sua liberdade tomada por uma lógica de autocontrole. Não à toa, a constituição de um homem empresarial se torna tão palatável às aspirações neoliberais, pois é a partir da construção de um novo ideal de indivíduo na cultura que se abre campo para o governo de suas motivações.

Para tanto, a economia deixa de ser restrita ao campo político e adentra as mais variadas instituições sociais, mas agora como discurso normativo, que muito mais que definir modos de vida compatíveis com seus valores, constitui indivíduos alienados de seu contexto de vida e de seu poder de transformação cultural. Assim, “as modalidades neoliberais de intervenção deveriam se dar em dois níveis, a saber, no nível social e no nível psíquico” (Safatle, 2021, p. 22).

No trabalho ocorre uma hipervalorização de normas estatísticas como modo de avaliação de desempenho, mesmo que isso acarrete em contradições com a função social das instituições, como o uso da "taxa de sucesso num exame" ou da "taxa de ocupação de leitos em hospitais" como índices (Dardot & Laval, 2016, p. 318). Essa dinâmica promove uma mudança de perspectiva dos serviços em relação às pessoas, sendo estas vistas agora como demandantes de questões individuais e, portanto, responsáveis por suas resoluções. Assim, há um livre controle por parte dos prestadores sobre as condições de venda e abrangência dos produtos, fazendo com que os indivíduos avaliem as relações sociais pela díade custo-benefício (Dardot & Laval, 2016).

Dessa maneira, o desempenho que guia os serviços também começa a guiar os indivíduos, não apenas no campo das relações intersubjetivas, mas também consigo mesmos. O ser humano passa a viver sob uma racionalidade que lhe diz que o reconhecimento de sua humanidade está em uma vontade naturalizada de crescimento, e que a competição torna-se o meio para sua realização e a responsabilidade pela totalidade do curso da vida é exclusivamente sua (Dardot & Laval, 2016). Portanto, há aqui uma tentativa de esvaziamento da vontade humana para que o neoliberalismo lhe agencie a serviço de sua mecânica (Safatle, 2021).

Essa racionalidade não se apresenta apenas como algo abstrato, mas se materializa no cotidiano pelos ataques aos direitos trabalhistas e sujeição da classe trabalhadora a um mercado que flutua sob uma suposta mão invisível. Isso favorece a implementação de uma lógica competitiva e meritocrática de trabalho, em que é preciso se adaptar às exigências do mercado para não fracassar no empreendimento da vida. Tal lógica se consolida na união de todos os campos da existência, como o trabalho, a educação e a formação, sob uma mesma linguagem, que segue uma ética de autovigilância e autoavaliação (Dardot & Laval, 2016), fazendo-nos enxergar a vida a partir de nossa performance (Safatle, 2021).

O Fórum Sobre Medicalização da Educação e da Sociedade (2020) aponta para o quanto os ataques aos direitos básicos da população que presenciamos nos dois últimos governos se articulam com a medicalização na promoção desse ideal de indivíduo, que na sua concepção e materialização tem raça, gênero, orientação sexual e classe econômica. Ou seja, numa sociedade que sempre foi pensada por e para homens brancos heterossexuais burgueses, quem não o é acaba sendo excluído. Além disso, o Fórum denuncia os interesses burgueses desse modo de construção da ciência que elabora as intervenções necessárias para aqueles que

não sustentam a competição desleal que a vida se torna nesse sistema econômico, diagnosticando, medicando e silenciando sua existência.

Em consonância, a medicalização e o neoliberalismo participam de um reducionismo que busca apagar a coletividade da experiência humana, isolando cada vez mais os sujeitos dentro de si e fornecendo a eles, através da transformação da ciência em mercadoria, os meios para realizar-se e lutar contra quaisquer sofrimentos que possam surgir. Dessa maneira, “vemos uma individualização radical que faz com que todas as formas de crise social sejam percebidas como crises individuais, todas as desigualdades sejam atribuídas a uma responsabilidade individual” (Dardot & Laval, 2016, p. 348).

Assim, a medicalização promove uma cultura de saúde mental normatizada, que utiliza da diversidade humana como motor para a construção de novas classificações nosológicas e intervenções medicamentosas. O neoliberalismo traz um modelo de sujeito que lhe convém, que serve de molde para jogar à margem da normalidade aqueles que encontram outros caminhos de constituição de si para além dessa lógica produtiva, que responsabiliza o indivíduo pelas desigualdades sociais e traduz nas suas relações consigo e com o mundo uma economia moral, psicologizante, despolitizada e desumanizante.

2.3. O Projeto de Educação Neoliberal e o Ensino Superior Privado

Compreendendo o que é o neoliberalismo e de que maneira seus ideais promovem mudanças culturais que atingem as instituições sociais e as possibilidades que encontramos para nos constituirmos, agora vamos nos atentar a como a educação também se torna um de seus grandes projetos. Apresentaremos aspectos que abarcam a educação como um todo, buscando focar no Ensino Superior de maneira geral e trazer elementos que vão delineando o posicionamento do Ensino Superior Privado nessa história.

Não há como se falar em medicalização e formação em Psicologia sem antes nos questionarmos sobre as implicações contidas no processo de tornar-se profissional dentro de um sistema neoliberal de economia e ensino. Se o imperativo da competitividade e a exaltação meritocrática do cansaço são centrais na valorização social do constituir-se como adulto e trabalhador em nossa sociedade, ser estudante nesta etapa perpassa vivenciar toda uma estrutura adoecedora que pode ser (re)produzida cotidianamente na particularidade das relações acadêmicas.

Somos impelidos pela lógica neoliberal a buscarmos ser esse indivíduo completo e pronto. Isso é reforçado pela ideia de que todas as escolhas que são tomadas na vida perpassam a transparência do funcionamento social e do mercado, ou seja, se temos acesso à informação sabemos dos possíveis riscos e benefícios de nossas atitudes, sendo assim assumimos sozinhos a responsabilidade por elas. Nesse sentido, as consequências da educação que escolho, do trabalho que escolho e da saúde que escolho são minhas e devo avaliá-las muito bem (Dardot & Laval, 2016). O que no fim, não é uma escolha, tendo em vista que as opções são diferentes a depender do lugar que ocupamos na sociedade.

Aqui se começa a desenhar o projeto de educação privatizada neoliberal. Uma educação voltada ao trabalho, que visa assegurar as competências e habilidades necessárias para o melhor desempenho na função e que garanta a permanência do indivíduo no processo produtivo. Em consonância, esse projeto se utiliza do desemprego estrutural como elemento de marketing para construir uma narrativa meritocrática em torno da inserção no mercado de trabalho. Tratando esse fenômeno como inerente à falta de preparo do indivíduo, as instituições privadas colocam no diploma da formação que vendem uma falsa garantia de empregabilidade e inclusão social (Luiz, 2013).

Nesse processo, a formação inicial deixa de ser o campo onde nossa história de vida, quem somos e nossos aprendizados teórico-práticos se articulam na construção de uma base para o percurso profissional que irá se iniciar dentro de determinada área. Ao invés disso, torna-se um ensaio para relações de trabalho adoecedoras e formatadas, o que desvaloriza a processualidade formativa em prol de uma busca incessante por seu produto final ideal: um indivíduo-empresa suscetível e dócil à exploração.

Visto agora como produto, o ensino superior privado deve qualificar o indivíduo para o mercado ao passo em que deixa de lado a produção científica (Luiz, 2013). Isso se intensifica pela característica do neoliberalismo em que a privatização se justifica pela desvalorização do serviço público. Então, o que ocorre na realidade é a separação entre a pesquisa e a docência, o que diminui os custos de implementação de novos cursos e, com ajuda de custos do Estado, amplia o número de vagas disponíveis, deixando o tripé ensino-pesquisa-extensão como característica principal das universidades públicas.

Kalmus (2010) nos conta que esse processo promove nas instituições privadas uma heterogenia quanto às atividades acadêmicas fornecidas, as condições de trabalho dos funcionários, as fontes de financiamento e o público-alvo ao qual destina seu produto. Ou seja, a qualidade dos elementos apresentados anteriormente pode variar muito de uma instituição para outra. A autora ainda demonstra que a precarização da formação e a transformação de docentes em mão de obra barata são marcas dessa visão mercantilizada de educação que cada vez mais adentra o ensino superior privado no país. Portanto, se vende uma educação restrita em possibilidades formativas para a classe trabalhadora, enquanto o acesso a uma educação ampla é favorecida para as classes dominantes (Luiz, 2013).

Isso remonta à perspectiva de democratização do ensino superior promovida pelos programas sociais do social-liberalismo no país. É inegável que estes ampliaram o acesso à

essa etapa de ensino às grandes camadas populares brasileiras. Porém, contraditoriamente promovem um processo que Kalmus (2010) chama de exclusão branda, pois apaga as desigualdades que ainda persistem no acesso a uma formação de qualidade no Brasil ao passo que vendem uma ilusão de necessário escape ao desemprego, que materialmente não conseguem garantir com absoluta certeza.

Nos colocamos diante de uma realidade que reduz a formação da classe trabalhadora a uma reprodução de técnicas, ou seja, em que sua participação na construção do conhecimento científico e em vivências que ampliem sua apropriação sobre os modos de produção de seu trabalho são restritas. Assim, o estudante não somente lida com uma instituição-empresa que vende educação em determinados graus a partir do que ele paga, mas também com a precarização do ensino e das relações institucionais, atuando nessas últimas como consumidor e avaliador do serviço prestado.

2.4. A Formação em Psicologia e a Medicalização no Neoliberalismo

Pensar a formação em Psicologia nesse contexto também perpassa olhar para sua estrutura formal na legislação do país. A Resolução CNE/CES N° 5 de Março de 2011 institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Em seu texto, elas destacam o caráter generalista da formação e o reconhecimento da diversidade de referenciais na compreensão do fenômeno psicológico e suas interfaces com fenômenos de outras ordens, como sociais e biológicos.

A obrigatoriedade da oferta de ênfases curriculares vai ao encontro das especificidades de saberes e práticas necessários à atuação do profissional em cada contexto. Assim, o curso deve se estruturar de modo a ofertar dois tipos de estágios: os estágios supervisionados básicos, que visam integrar e desenvolver as competências do núcleo comum e os estágios

supervisionados específicos, que tem como foco as competências a serem desenvolvidas e integradas em cada ênfase curricular (CNE/CNS, 2011).

Além disso, aponta para a importância de uma compreensão crítica dos fenômenos das mais diversas ordens e suas especificidades, que vão compor as interfaces da área. Dessa maneira, a formação deve assumir um compromisso com os direitos humanos e a promoção da qualidade de vida nos mais diversos campos de atuação. Assim, destaca a ciência e a ética como centrais em seu desenvolvimento, sendo base e guia para a atuação profissional, e importantes para vida (CNE/CNS, 2011).⁶

Mancebo & Rocha (2000), ao investigarem a formação em Psicologia de universidades cariocas no final do século XX, verificaram que a lógica clínica assumia o modelo principal de atuação dos estudantes, compreendendo outros espaços institucionais como lugares para onde esse pensamento deveria ser adaptado, deixando de olhar as particularidades necessárias para se pensar a composição dessas práticas e privilegiando intervenções individualizantes.

Já Firbida (2017), ao investigar a formação de psicólogos e a medicalização das dificuldades de aprendizagem em universidades públicas no Paraná no final da década de 2010, demonstra um processo de transição nas discussões teóricas rumo a uma perspectiva mais ampla de sujeito. Contudo, afirma a necessidade de um conhecimento prático da escola e do desenvolvimento para uma real transformação da realidade.

Mutarelli (2021), já na década de 2020, discute as interfaces da medicalização com a formação em Psicologia. A autora apresenta as denúncias do coletivo Francês L'appel' des

⁶ Em outubro de 2023 foram aprovadas as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia. Destacamos em seu texto os seguintes valores e princípios a serem assegurados pela formação: a importância da diversidade epistemológica e teórica-metodológica da área; a necessidade da compreensão crítica de fenômenos de diversas ordens; o compromisso social, ético e político da Psicologia; e a importância das políticas públicas. Além disso, houve uma mudança nas nomenclaturas dos estágios e a oferta de ênfases se manteve como direito. Porém, optamos por utilizar as normas vigentes à época da entrevista e, portanto, que estavam regendo o curso da entrevistada.

Apell feitas no início da década de 2010, que apontam para o quanto o paradigma de valorização quantitativa dos serviços a partir do neoliberalismo promoveu um processo de trabalho em que cada profissional é especialista de apenas uma parte de sua totalidade. Isso favoreceu a elaboração de práticas voltadas para medidas de avaliação e resultados, conduzindo a formação a uma objetificação do trabalho. Assim, o processo começa a dar lugar ao resultado, e o fazer psicológico começa a ser formatado de maneira apartada da construção do conhecimento, o que lhe direciona a intentar o:

controle da natureza do ser humano, pois tendo apenas o produto final e não considerando as forças que disputaram para se chegar naquela forma, ele se torna um objeto economicamente e socialmente explorável, para isso elimina-se a singularidade, a ética e a política desse fazer (Mutarelli, 2021, p. 85).

Dessa maneira, o conteúdo curricular formal da formação de profissionais de Psicologia é fomentado a se dirigir à obtenção de um produto objetivo e absoluto de seu trabalho (Mutarelli, 2021). Portanto, podem-se constituir intervenções que favorecem as desigualdades sociais, sob o jugo de uma ciência que se pauta em uma neutralidade fictícia, na busca por atender a um padrão capitalista de funcionamento psíquico desumanizante (Prestes, 2021).

Assim, Mutarelli (2021) demonstra que a medicalização transforma-se em um perigo dentro do processo formativo da Psicologia, pois apresenta um caminho rápido e prático para a obtenção de resultados quantificáveis, cerne da lógica de trabalho neoliberal. Nesse sentido, as causas e os efeitos do adoecimento humano são reduzidos à individualidade da pessoa ao passo que se obtém uma suposta "solução absoluta" (p. 85) para suas questões.

3. O CHÃO QUE NOS SUSTENTA

Tomamos como chão a Psicologia Histórico-Cultural, que privilegia um olhar para o movimento material, histórico e dialético de desenvolvimento dos fenômenos, pois através dele é que se desvelam as contradições que os compõem e se desnaturaliza sua existência, permitindo o entendimento da complexidade de sua manifestação no contexto em que se situa.

O processo histórico da Psicologia na primeira metade do século XX estava demarcado por uma divisão entre distintas correntes, o idealismo e o mecanicismo, o que tensionava a proposição da área enquanto ciência unificada (Souza & Andrada, 2013). Essa crise é tomada por Lev Semionovitch Vigotski com grande interesse, pois é nela que o autor vê a possibilidade de desenvolver uma teoria geral da Psicologia, uma verdadeira ruptura com as forças que se colocavam em oposição para alçar o status de perspectiva única da ciência psicológica (Lordelo, 2011).

Apesar de não ser o único a empreender tal iniciativa, o autor se destaca ao elaborar uma compreensão crítica da história da Psicologia utilizando-se do materialismo histórico dialético, proposto por Karl Marx, olhando para as contradições existentes e alçando o objetivo de promover uma síntese (Lordelo, 2011). Em meio ao contexto da Revolução Socialista Russa e sua necessidade de constituir conhecimentos científicos próprios e destinados à mudança cultural necessária para o desenvolvimento do sistema econômico, o autor vai construindo seus estudos.

Dessa maneira, na percepção dos dualismos que se arrastavam entre as correntes dominantes à sua época, Vigotski elabora uma teoria que coloca em cheque as divisões entre corpo e alma, natureza e cultura, cognição e afeto (Vigotski, 2009; Lucci, 2006; Oliveira, 1992). A Psicologia russa dessa época se direciona a uma compreensão de um indivíduo inteiro, indivisível e toma as funções psicológicas não mais como entidades meramente

evolutivas de um corpo biológico e sim como constituídas dialeticamente ao longo da história da humanidade, desenvolvidas na particularidade das múltiplas relações do indivíduo com o meio que vive (Souza & Andrada, 2013).

Assim, Vigotski nos apresenta uma perspectiva de indivíduo que é constituído pelos "aspectos sociais do seu tempo histórico e de suas condições objetivas de vida" (Pasqualini & Martins, 2015, p. 369). Ou seja, que possui uma singularidade necessariamente ligada a uma representação genérica e universal da espécie humana. Assim, a sociedade promove de maneira particular as condições concretas em que esse indivíduo vai se humanizar, ou seja, se apropriar do patrimônio histórico da humanidade. E, no capitalismo, os limites dessa relação são extremamente rígidos para a classe trabalhadora (Pasqualini & Martins, 2015).

Nesse sentido, a cultura e a história assumem lugar fundamental na constituição do ser humano em sua teoria, sendo a inserção no mundo da linguagem o ponto de partida para a complexificação das funções psicológicas em funções superiores. O autor demonstra que historicamente a linguagem surge de uma necessidade de comunicação para a realização do trabalho, para tanto ela não ocorre de maneira direta entre uma consciência e outra, é necessário uma mediação, por meio de signos, para que o outro compreenda aquilo que quero compartilhar (Almeida, 2008).

Além disso, o signo só é compreendido à medida em que se generaliza em um sistema de significação que seja compartilhado socialmente. Assim, o significado só acontece em uma relação com o outro e une linguagem e pensamento, pois as possíveis representações de algo só são possibilitadas pelas significações que surgem das interações entre os indivíduos ao longo da história da humanidade (Almeida, 2008).

Esse processo histórico promove o desenvolvimento do pensamento por conceitos, um "processo vivo e complexo de pensamento com função de assimilar, comunicar, entender e

resolver algum problema” (Almeida, 2008, p. 68). Através dele o ser humano consegue sair das relações imediatas e concretas na sua interação com o mundo, conseguindo abstrair elementos da materialidade da vida e promover ligações lógicas entre eles. Aqui, o signo assume-se como palavra, então quando eu digo que estou apaixonado por exemplo, uso a palavra para falar de maneira genérica sobre a totalidade do que é sentir a paixão para mim. O outro compreende o que quero dizer com essas palavras, mas se apropria delas a partir de como compreende e sente a paixão no seu contexto e história de vida.

Vigotski (2009) dialoga criticamente com as perspectivas teóricas de sua época, em especial com Piaget, e demonstra que o desenvolvimento dos conceitos está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores como a memória lógica, a atenção arbitrária, a abstração, a comparação e a discriminação. Diferentemente das teorias que consideravam a aprendizagem dos conceitos como uma internalização fixa e acabada, o autor se direciona a uma teorização complexa sobre esse fenômeno, considerando-o como um processo de desenvolvimento (Oliveira, 1992).

Vigotski (2009), demonstra que existem dois tipos de conceitos, aqueles que são aprendidos pela vivência de cada pessoa sem uma ordem hierárquica pré-determinada, os conceitos cotidianos. E os conceitos científicos, que são aprendidos pela mediação de outros conceitos, em especial através da educação formal, e possuem uma hierarquia própria, formando um verdadeiro sistema que os organiza em uma rede de conhecimentos. Assim, o autor compreende que a formação dos conceitos científicos se relaciona diretamente com o desenvolvimento da consciência (Oliveira, 1992), pois permite a compreensão das contradições de elementos particulares frente à totalidade do real.

Tomemos como exemplo a palavra lápis, conseguimos evocar à mente sua ideia ao escutá-la pois há um consenso social de que a junção desses fonemas se relaciona ao objeto

lápiz que conhecemos. Contudo, existem milhares de tipos de lápis, e não nos confundimos ao vê-los pois desenvolvemos a capacidade de reconhecer, dividir, comparar, analisar e promover uma síntese dos atributos que compõem o que se entende como lápis na realidade concreta da sociedade em que vivemos. Da mesma maneira, aquele lápis que evocamos em nossa consciência ao escutar a palavra consegue representar todos os tipos de lápis, pois contém em si mesmo todos os atributos que os outros possuem.

Talvez não nos lembramos do dia em que nos foi apresentado um lápis, nem mesmo temos facilmente a consciência de que maneira fomos elaborando os atributos necessários para podermos representar algo como sendo um lápis ou não. Mas, podemos pensar a partir disso que há um processo de desenvolvimento importante aqui, em que nos apropriamos de todo o processo histórico da humanidade de manipulação de ferramentas, desenvolvimento da escrita e relações produtivas para que a existência do lápis pudesse acontecer enquanto conceito na linguagem e objeto material. Outrossim, à medida em que crescemos e fomos atribuindo funções, utilizando-o em nossa escolarização e no trabalho, por exemplo, ele foi ganhando novos contornos afetivos e complexificando-se em nosso pensamento.

O exemplo do lápis nos ajuda a elaborar sobre a noção de conceitos cotidianos, em que partimos da vivência para estabelecer as relações entre a palavra e o significado no pensamento. Diferentemente acontece na produção dos conceitos científicos. Tomemos como exemplo a medicalização, tema do presente trabalho, ela é compreendida na relação abstrata com diversos outros conceitos e em um contexto formativo específico que a localiza nessa rede de conhecimentos da área da saúde e da educação, como brevemente apresentado no Capítulo 2.

A compreensão do que é a medicalização na ordem da abstração permite que, aos poucos, ela possa ser reconhecida na materialidade da vida cotidiana e se complexificar no

pensamento. Assim, apesar de ser um conceito científico complexo que precisa da explicação de toda uma história para seu entendimento, a medicalização está presente na vida de todos na sociedade e não passa a existir somente quando damos nome a ela. Porém, dar nome a ela permite que tenhamos condições de reconhecê-la no nosso cotidiano e nos posicionarmos frente a ela de maneira consciente. Nesse sentido, talvez nunca tenhamos tido que definir explicitamente um lápis, ou seja, tomado consciência de seu conceito. O que não acontece com a medicalização, que se estrutura enquanto conceito no pensamento pela tomada de consciência de seu significado.

O que Vigotski (2009) nos apresenta de mais importante nessa teoria, para o presente trabalho, são as interlocuções entre os diferentes tipos de conceitos e a particularidade de sua internalização na singularidade de cada pessoa a partir de sua história, ou seja, os conceitos não se desenvolvem apenas de maneira quantitativa, mas também qualitativamente. Assim, apesar de ganharem certa estabilidade pelo significado compartilhado socialmente, vão adquirindo qualidades diferentes e se transformando a partir de novas experiências e aprendizados ao longo da vida (Oliveira, 1992).

Considerando essas questões, a educação assume lugar fundamental dentro da Teoria Histórico-Cultural, sendo espaço onde o indivíduo deve encontrar as mediações necessárias para se apropriar das condições concretas de produção da cultura e, a partir disso, humanizar-se pela construção de sua consciência. (Puentes & Longarezi, 2013) Assim, é na escola que ocorre a apropriação dos conceitos científicos, pois estes não advêm das sensações e da observação, mas “de um sistema complexo de inter-relações conscientes, expressos em princípios, leis e generalizações” (Puentes & Longarezi, 2013, p. 261).

4. DO PLANEJAMENTO E DOS DESENCONTROS AO ENCONTRO

4.1. A Construção da Pesquisa

A pesquisa aqui desenvolvida é de abordagem qualitativa, pois não visa mensurar seu objeto de estudo. Seu tipo é exploratório, por ter como objetivo “[...] proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (Gil, 2008, p. 27). Seu delineamento se dá enquanto pesquisa de campo, pois buscou as informações com pessoas, para além da coleta de referenciais bibliográficos (Fonseca, 2002). E, configura-se como estudo de caso, buscando “não analisar apenas o caso em si, como algo à parte, mas o que ele representa dentro do todo e a partir daí” (Ventura, 2007, p. 386). A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia (aprovação número 63985022.5.0000.5152).

Tivemos como objetivo investigar como uma estudante de Psicologia de uma Instituição Privada de Ensino Superior da cidade de Uberlândia compreende e vivencia o fenômeno da Medicalização, considerando as contradições do projeto neoliberal de indivíduo e educação. Para alcançar tal intento, paralelamente construímos objetivos específicos, como refletir sobre a Medicalização enquanto conceito e fenômeno na formação em Psicologia, a partir do neoliberalismo; e identificar processos medicalizantes/desmedicalizantes no Ensino Superior junto a uma estudante de Psicologia da cidade de Uberlândia.

A divulgação da pesquisa e contato com a população amostral se deu por meio da utilização da Bola de Neve Virtual, através de postagens para divulgação nas redes sociais e redes de contato do pesquisador. Essa técnica consiste no envio de um link com um questionário para um emissor, através de uma rede social, com informações concernentes à pesquisa e solicitando divulgação para potenciais participantes, por meio de uma estratégia viral (Costa, 2018).

O questionário eletrônico (Apêndice B) foi elaborado na plataforma Google Forms, devido a sua fácil usabilidade e maior possibilidade de divulgação da pesquisa (Mota, 2019). Através dele os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e ao aceitarem participar na pesquisa, foram coletadas informações sobre a instituição de ensino, período que estava cursando, uma questão dissertativa sobre sua familiarização com a medicalização da educação e um convite para participação de um grupo focal, referente a segunda etapa da pesquisa. Ao aceitar, o participante recebeu um link com mensagem automática de interesse de participação enviada para o Whatsapp do pesquisador, a partir do qual recebeu um novo TCLE.

A ideia inicial da pesquisa era a realização de um grupo focal com os participantes, para promover um diálogo aprofundado acerca da temática da medicalização dentro dos conteúdos e vivências percebidos ao longo da graduação. Contudo, apesar de conseguirmos uma ampla divulgação, pelo contato com professores de Psicologia da rede de ensino superior privada da cidade de Uberlândia e das postagens de grande alcance nas redes sociais do pesquisador, obtivemos apenas três respostas no questionário e, apenas uma das estudantes aceitou participar da segunda etapa.

Levantamos algumas hipóteses para a baixa adesão: a pouca valorização da pesquisa na formação dos estudantes de psicologia em muitas instituições privadas, uma motivação em estudar constituída pela necessidade exclusiva de inserção no mercado e a rotina cansativa de diversos estudantes que precisam conciliar o trabalho com os estudos. Todas essas ponderações nos apontam para as particularidades de uma formação atravessada por um projeto neoliberal de educação.

Considerando o tempo para finalização da pesquisa e o baixo número de respostas, os grupos focais foram deixando de ser uma possibilidade concreta e começamos a desenhar uma

entrevista semi-estruturada (Apêndice A) para dialogar com a estudante que havia demonstrado interesse em conversar sobre a temática. A entrevista foi construída de modo a atender os objetivos da pesquisa, buscando entender as motivações de escolha do curso, os contextos e as condições materiais que compõem essa formação em Psicologia e as compreensões acerca da medicalização em perspectiva com os conteúdos e vivências dessa graduação.

A proposta inicial era elaborar uma nuvem de palavras com as respostas da questão dissertativa e apresentá-la como recurso disparador para a conversa nos grupos focais. Com as mudanças feitas para a condução de uma única entrevista, pensamos em continuar com essa proposta, utilizando a nuvem para sensibilizar a entrevistada na reflexão acerca de perspectivas medicalizantes ou desmedicalizantes em sua formação, aproximando e distanciando os conceitos apresentados em relação a sua percepção sobre a atuação profissional. Assim, construímos uma primeira nuvem de palavras:



Figura 1. Primeira Nuvem de Palavras.

Por meio da leitura da transcrição da entrevista foram salientados e construídos núcleos de significação, possibilitando uma forma de análise dos significados expressos pela participante e de sistematização destes frente aos objetivos da pesquisa. Nesse sentido, os núcleos de significação evidenciaram-se como importantes, pois para além do mero destaque de elementos no texto, permitiram compreender “a explicação do processo de constituição do objeto estudado, ou seja, estudá-lo no seu processo histórico” (Aguiar & Ozella, 2006, p. 224).

Assim, através de leituras sequenciais, palavras e trechos foram emergindo por repetição como pré-indicadores, e progressivamente agrupados, considerando semelhanças, contradições ou complementaridades. Esse processo se deu entendendo o conteúdo que os compõem e permitem seu significado dentro do contexto pesquisado, transformando-se em indicadores. Dessa maneira, associando os indicadores, seu assunto e a maneira como aparecem no diálogo, os núcleos de significação foram construídos e utilizados na análise das informações da pesquisa.

Essa metodologia permitiu uma compreensão ampliada dos diálogos produzidos no encontro, articulando-os com uma perspectiva histórica e singular da construção de seus significados. Esse procedimento se direciona para a elaboração de uma análise que vai além de um olhar descritivo ou acrítico, pois intenciona “desvelar fatos e fenômenos, explicitar contradições e assim, ousar apontar caminhos mais críticos, menos naturalizantes e ideológicos”(Aguiar & Ozella, 2006, p. 243).

Dessa maneira, quatro núcleos de significação foram construídos:

1. "*Já tinha me desconstruído e construído outras coisas*": sobre uma formação que acontece de maneira ampla, no movimento da vida. Neste núcleo refletimos sobre como o percurso formativo aparece de maneira ampla na vida da entrevistada, considerando as

relações que ela estabelece com o estudo, a partir de recortes de sua escolarização até o ingresso no Ensino Superior.

2. *"Uma faculdade que te forma para o mercado de trabalho"*: as contradições do percurso formativo no neoliberalismo. Neste núcleo apresentamos as percepções da entrevistada sobre a estrutura de ensino do seu curso, como tal estrutura se relaciona com suas expectativas formativas e como se dão as relações institucionais na faculdade que está matriculada, considerando o modelo de educação neoliberal.

3. *"Quando eu não estudo eu não me sinto legal"*: a autogestão do indivíduo neoliberal no Ensino Superior e outras possibilidades de constituição de si. Neste núcleo refletimos sobre a maneira como o modo de pensar neoliberal aparece na relação da entrevistada com a graduação e consigo mesma. Além disso, vislumbramos perspectivas de escape que ela encontra para constituir-se e se formar frente às contradições dessa realidade.

4. *"Achei que cê tava falando de mercantilização"*: o conceito de medicalização e a formação em Psicologia. Neste núcleo buscamos compreender se o conceito de medicalização fez parte, até então, do repertório de conteúdos mediados na graduação e de que maneira as experiências e as percepções da entrevistada sobre a formação nos indicam vivências/compreensões medicalizantes ou desmedicalizantes.

5. AS PAISAGENS QUE CONTEMPLAMOS

5.1. *"Já tinha me desconstruído e construído outras coisas"*: sobre uma formação que acontece de maneira ampla, no movimento da vida

Rosa⁷ é uma mulher branca de 27 anos que cursava o sétimo período da graduação em Psicologia em uma faculdade privada da cidade de Uberlândia à época da entrevista. Sua relação com o ensino superior não é inaugurada quando entra na faculdade, ao contrário, é um desejo que começa a ser gestado bem antes desse momento e se constitui a partir de diversas relações. Sua família não teve acesso a oportunidades para ingressar no ensino superior de maneira seguida ao Ensino Médio. Ela contou que *"não tinha tanto essa referência de universidade, de faculdade, de graduação, até porque na minha família, dentro da minha casa, as minhas irmãs não fizeram a graduação, foram fazer depois de adultas"*⁸.

A motivação para dar continuidade aos estudos após o Ensino Médio veio por meio de uma mudança para *"uma outra escola que era voltada pro ingresso na universidade"*. Assim, começou a se desenhar em sua vida uma nova relação com os estudos, Rosa percebeu que o motivo de sua atividade na escola era *"realmente estudar aqui pra entrar, né, na faculdade"*. Dessa maneira, a educação deixou de lado seu compromisso de fornecer condições para que ela se apropriasse das ferramentas de transformação cultural e assumiu-se como espaço utilitarista de reprodução de conteúdos destinados a um processo seletivo.

O Programa de Ação Afirmativa de Ingresso no Ensino Superior (PAAES) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) foi um dos modelos de ingresso no Ensino Superior a que Rosa teve acesso, um processo seletivo seriado com provas que deveriam ser feitas periodicamente em cada série do Ensino Médio. Fruto de uma conquista social e instituído por meio de Políticas Públicas, o PAAES da UFU se colocava como uma alternativa

⁷ Nome fictício escolhido pela entrevistada.

⁸ A partir desse momento, todas as citações em itálico são parte da entrevista realizada com Rosa.

ao vestibular tradicional, uma maneira de minimizar as desigualdades evidenciadas pelo grande funil que esse antigo modelo criava entre estudantes de escolas particulares e escolas públicas (Gomes & Lima, 2010).

Entretanto, não há uma homogeneidade entre todas as escolas públicas, existem configurações diferentes de estrutura física, Projetos Políticos Pedagógicos, públicos e territórios atendidos, assim, mesmo com o programa não há uma igualdade de condições entre os estudantes dessas instituições. Então, Rosa nos descreveu um pouco da realidade dos colegas da escola que frequentava e como se colocar em perspectiva com essas condições promoveu mudanças significativas no seu percurso de vida:

minhas amigas todas né fazendo cursinho e tal, e algumas outras trabalhavam, e eu era da turma de que ‘nossa não tenho nada para fazer nas minhas tardes, então acho que vou pro menor aprendiz aqui’, aí fui fazer trabalho de menor aprendiz quando eu tinha dezesseis para dezessete anos

Apesar de se ver numa dinâmica que lhe permitia estar em casa durante a tarde, esse momento lhe foi percebido como espaço para o não fazer nada, já que de um lado havia amizades com condições de pagar um cursinho e de outro aquelas que precisavam conciliar estudo e trabalho. Dessarte, na construção de uma reflexão sobre as intersubjetividades proporcionadas pelo cotidiano escolar, Rosa decidiu ocupar suas tardes com um contato inicial com o mercado de trabalho, que se deu por meio do Programa Jovem Aprendiz. Assim, o trabalho apareceu como possibilidade em sua vida a partir das relações escolares, sendo que ela não manifestou uma necessidade financeira para tal.

Conciliando o trabalho com os estudos, Rosa realizou as etapas do PAAES mesmo sem saber ainda qual graduação gostaria de cursar. Então, próxima do momento de escolha, ela iniciou um processo de Orientação Profissional (OP) pago por sua mãe, e motivada por

“aquelas crises que a gente tem quando adolescente”. Percebemos que Rosa atribuiu as dúvidas e as incertezas em relação a seu futuro profissional a algo próprio da adolescência, parte de crises esperadas para essa faixa etária. Assim, ela deixou em segundo plano o contexto de inserção no trabalho que estava vivendo à época e o discurso de ingresso no Ensino Superior promovido por sua escola.

Pensando a partir de uma perspectiva Histórico-Cultural, Checchia (2010) nos conta que a adolescência foi compreendida dentro do conhecimento psicológico por muito tempo a partir de olhares universalizantes, o que desconsiderava a produção coletiva de seu significado na cultura e apagava seu contexto de constituição. Ao falar sobre a adolescência dessa maneira, as dinâmicas estruturais e relacionais do sistema capitalista que compõem essa etapa da vida e suas nuances, ou seja, seu aspecto histórico-cultural, deixa de ser central nas percepções de Rosa sobre suas vivências.

Ao longo do processo de OP, Rosa percebeu a biologia saltar aos seus olhos como uma grande área de possibilidades. Isso se deu analisando sua relação com o histórico na escola e os conteúdos que lhe chamavam a atenção, principalmente os estudos de genética e dos órgãos reprodutivos femininos. Assim, três cursos foram escolhidos como desejados em seu projeto de vida: Medicina (ginecologia), Direito e Engenharia.

A escolha de cursos e profissões tão distantes entre si, mas que carregam um status social extremamente valorizado, simbolizavam para Rosa *“a questão da...do adolescente, da criança, do jovem ali, de classe C, que acha que vai crescer na vida e melhorar por conta dos estudos e tal, e acha que vai ser alguém por conta dos estudos”*. Nesse momento, sua escolha profissional começou a ganhar novos contornos, ao reconhecer que para as classes trabalhadoras há a produção de uma necessidade de ascensão social, parte desse contexto de vida neoliberal.

A fala de Rosa se contrapõe à ideia anteriormente apresentada por ela de uma Orientação Profissional motivada por crises naturais da adolescência. Agora sua escolha perpassou suas condições histórico-culturais, apontando para o quanto os dilemas dessa fase da vida não são naturais, mas *“diz muita coisa, o contexto que eu estava inserida e a minha percepção de mundo e que é coletiva também, para muitos”*.

Dessa maneira, a perspectiva de ascensão social pelos estudos se colocou como outro elemento na relação de Rosa com a escolarização. Ela disse que viveu em um ambiente que lhe dizia com muita frequência que *“só vou ser alguém, só vou buscar evoluir, ter minhas coisas se eu estudar, pobre só vence por meio dos estudos”*, ou seja, a educação era concebida como uma salvação da exclusão promovida pela luta de classes, era uma maneira de humanizar-se, a medida em que obtivesse sucesso em seu empreendimento.

Assim, reforça-se a ideia neoliberal de uma necessidade naturalizada de ascensão social que aparta o indivíduo de seu contexto, colocando sobre si a grande responsabilidade de burlar toda a lógica de um sistema econômico que insiste em manter a classe trabalhadora entre os mais pobres (Dardot & Laval, 2016). Em consonância, a precarização da vida para a classe trabalhadora impulsiona esse modo de pensar, colocando em perspectiva a necessidade de também não perder as poucas condições de sobrevivência que já possuem.

Tendo experienciado a OP e finalizado os três anos de prova do PAAES, Rosa tentou o ingresso no Ensino Superior pela primeira vez. Nesse momento, a escolha pelo curso de Medicina havia ganhado uma concretude mais forte em relação aos outros cursos que Rosa vislumbrou em sua OP. Contudo, ela percebeu que para ser aprovada as notas deveriam ter sido altas desde o início do exame:

tinha que ter nota alta desde o primeiro...do primeiro ano...primeiro, segundo e terceiro ano, só no terceiro ano que eu tiro uma nota um pouquinho acima da média que eu estava tirando antes porque eu comecei a estudar mais um pouquinho.

Assim, mesmo com a perspectiva de democratização do ingresso no ensino superior e abrindo possibilidades para muitos estudantes, o programa não dava conta da grande desigualdade presente na escolarização. Portanto, Rosa vivenciou novamente as consequências desse contexto neoliberal de vida, pois sua nota “*não deu, obviamente, porque era bem concorrido*”.

Ao dizer que tirou uma nota maior no último ano porque estudou mais que nos anos anteriores, Rosa colocou sobre si a exigência de se sobressair em um exame que exigia os conteúdos, mas não olhava para as condições concretas de ensino ao qual os estudantes estavam submetidos. A narrativa meritocrática da escola neoliberal coloca as contradições da realidade educativa como uma insuficiência exclusiva do indivíduo, pois este “*tinha que ter estudado antes muito mais*”. Porém, esse obstáculo não eximiu sua vontade de graduar-se, Rosa começou a estudar pela internet e pensou na possibilidade de pagar um cursinho, mas ao “*ver os preços dos cursinhos, tudo caro*”.

Determinada a ingressar no Ensino Superior em Medicina, Rosa realizou processos seletivos e entrevistas para conseguir uma bolsa nos cursinhos da cidade. A ideia neoliberal de educação, que apaga as particularidades da produção do ensino público como parte de seu projeto de sociedade para valorizar o ensino privado, fez com que Rosa tivesse que assumir sozinha uma corrida pelas condições para o acesso a uma graduação. E, ao conseguir, Rosa se deparou com um novo período de adaptação, pois a rotina integral do cursinho era muito diferente da que esteve submetida ao longo de sua escolarização:

como eu vinha de um padrão escola pública, aula das sete da manhã às onze, foi muito difícil adaptar, então obviamente eu não saia todos os dias às dez, não entrava todos os dias às oito, tinha dia que eu não ia de manhã, mas fui me adaptando e fui vivendo aquele ambiente

Diferente de outros estudantes que viveram uma educação integral privada durante a vida e tiveram condições materiais para experienciar a rotina do cursinho de outra maneira, Rosa atribuiu suas dificuldades à escola pública. Assim, Rosa apontou que as dificuldades vivenciadas na criação de uma rotina em cursinhos particulares são comuns entre estudantes de escola pública, devido a existência de um padrão de ensino/estrutura. Nesse sentido, ela reconheceu a precarização da educação pública como algo estrutural e se viu na necessidade de criar sozinha condições para se adaptar às nuances percebidas em sua nova rotina.

Então, vemos o quanto a lógica neoliberal de transformação da educação em produto vai apagando sua promoção enquanto direito básico, o que pode fazer com que percebamos a precarização do ensino como consequência de sua condição: ser público. E, mesmo quando esse projeto é desnaturalizado, como Rosa nos indicou em sua fala, a culpa pelas desigualdades que são encontradas no processo de escolarização ainda recaem sobre os estudantes.

Rosa aproveitou esse novo contexto para aprofundar seus estudos e tentar, continuamente, o ingresso no curso de Medicina. Mas quanto tempo seria necessário para que ela alcançasse as exigências deste processo seletivo que homogeneiza os percursos escolares?. Rosa conta que *“foi passando os anos e não passava”*, três anos de cursinho e *“fui indo, fui me frustrando”*. Muita coisa aconteceu em sua vida, ela saiu desse cursinho e foi para outro, resolveu voltar a trabalhar, mas ainda com o desejo de cursar Medicina. Então, após um ano longe do cursinho, Rosa decidiu voltar a estudar, mas com novas vivências e um outro olhar

para seu processo de aprendizagem, *"com a cabeça de que eu não ia mais me matar de estudar, não ia mais tolerar certos tipos de coisas, que eu já era adulta já"*.

Esse percurso acompanhou uma mudança de direção na sua identificação com a Medicina, antes impulsionada pela sua curiosidade nos estudos dos órgãos reprodutivos, ela desejava ser ginecologista. Agora, a Psiquiatria apareceu como foco em sua trajetória, mas, cansada de todos esses anos estudando e todas implicações que ingressar em Medicina exigem da vida do estudante, ela começou a se questionar:

já tinha me desconstruído e construído outras coisas, então já queria ser Psiquiatra já, estava inclinada para Psiquiatria, e aí falei: 'gente, que que é outro curso que assemelha, que eu posso ser e ter esse contato e talvez chegar a um mesmo lugar por outro caminho, qual seria'... e aí pensei né, na Psicologia

A Psicologia surgiu como possibilidade a partir de aproximações com o desejo de ser Psiquiatra, disciplinas com uma trajetória histórica demarcada por alianças e rupturas muito fortes, mas que na prática cotidiana compõem juntas o arcabouço da atuação em saúde mental. Além disso, ela relata que:

um dos motivos também pra eu ter decidido fazer outro curso foi [...] questão financeira, questão que eu já tava indo pra certa idade e a gente fica pensando "nossa, eu não construí nada na minha vida, meus pais criaram minhas irmãs e todas elas saíram já de casa, né, tão com sua vida e eu não, to aqui ainda

Esse pensamento vai ao encontro da lógica neoliberal, que nos resume a conquistas de ordem econômica, que representa nossa vida a partir daquilo que produzimos e, então, devemos perdê-la "tentando escapar da iminência da morte" (Foucault, como citado em Safatle, 2021, p. 18). Quando fala em morte, o autor não a apresenta necessariamente como

fato literal, mas também como o apagamento da participação na vida social, do reconhecimento enquanto indivíduo por seus pares.

Tal perspectiva coloca de lado a história das pessoas e todos os aspectos que as constituem, reduzindo-as a “operadores de performance, otimizadores de marcadores não problematizados.” (Safatle, 2021, p. 22). Dessa maneira, o desejo de Rosa pela Medicina começou a ganhar novas complexidades pela concretude dessa vida naturalizada, que a fez ponderar que toda sua trajetória de estudo no cursinho foi a construção de um nada.

Contudo, essa ponderação não a paralisou frente às dificuldades de sua trajetória até o Ensino Superior, Rosa continuou dando uma importância central ao estudo em sua vida, mas percebeu outros aspectos lhe chamando a atenção. Então, a mudança de curso não foi apenas um sentimento de não pertencimento, mas a percepção de tudo aquilo que abdicou pelos estudos ao longo desses anos e o reconhecimento de seu posicionamento de classe. Ela sentiu essas questões como um desconforto “*de bancar uma vida de cursinho né [...] ainda mais eu que não venho de uma família com uma situação financeira alta assim, nós somos classe C...classe C, D*”.

Além disso, o ingresso na Universidade Pública começou a ser questionado também, ao pesquisar a grade do curso de Psicologia, Rosa analisou as possibilidades de permanência em um ensino de tempo integral, considerando seu contexto de vida de maneira ampla, olhando não apenas para as questões econômicas, mas também para aquilo que almejava no seu cotidiano. Botomé (2010)⁹, já no ano de 1979, apontava um fator social de exclusão promovido nos cursos de Psicologia devido aos fatores de carga horária e custo financeiro para se dedicar à formação, algo que também foi sentido por Rosa :

⁹ Texto originalmente publicado em 1979, revisitado pelo autor em 2010 e republicado com atualizações.

não vou estudar o dia inteiro, não vou pro ensino integral, embora tenha várias janelas e eu consiga, talvez, fazer alguma coisa nessas janelas, mas nada que me permita ter uma constância, por exemplo, num regime CLT ou num concurso público

Dessa maneira, mesmo passando em universidades públicas como a UFU e a USP, Rosa percebeu o ensino superior privado como uma realidade mais próxima das suas condições de vida e da maneira como gostaria de posicionar a graduação em seu cotidiano ao longo dos anos seguintes. O Programa Universidade Para Todos (ProUni) veio como uma possibilidade de realizar gratuitamente o curso em turno único e ter a liberdade de ocupar o restante do seus dias com o aprofundamento de seus estudos, o trabalho e o lazer. Rosa nos contou que sair do cursinho e entrar na faculdade lhe ajudou a dar andamento em outras áreas de sua vida, conseguiu focar no *“trabalho de escrita que eu também fazia [...] ter mais momentos de lazer, mais momentos de leitura, de coisas que eu gostava e tal.”*

A preocupação com oportunidades formativas também foi compondo a escolha da faculdade de Rosa. Ao perceber a carreira acadêmica como uma possibilidade, ela se organizou para conversar *“com várias pessoas, vários psicólogos que estudaram lá também, pessoas que fizeram universidade...faculdade particular e aí elas falaram [...] ‘tem como sim fazer, estudar aqui, fazer mestrado, tem como estudar aqui e participar de projetos e programas da universidade’”*.

Então, considerando todas as movimentações que essa vida, contextualizada em sua realidade concreta de produção, foi proporcionando, percebemos que Rosa começou a construir sua formação muito antes do ingresso no Ensino Superior. Sua complexa relação com os estudos e a escolarização, a vivência com a Psicologia em seu processo de escolha profissional, as dificuldades de conseguir uma vaga em Medicina, as contradições de uma história constituída dentro um sistema rígido de classes também fazem parte dessa formação.

Não em um sentido determinista e reducionista, mas como elementos que vão sendo transformados na relação com as novas vivências e aprendizados, e que dialeticamente também as transformam, impactando sua relação com a graduação e a totalidade de sua vida.

5.2. “Uma faculdade que te forma pro mercado de trabalho”: as contradições do percurso formativo no neoliberalismo

A formação em Psicologia segue Diretrizes Curriculares Nacionais, mas cada faculdade/universidade vai colocá-las em prática a partir de condições específicas e vai ofertar atividades extracurriculares distintas para seus estudantes. A implementação de políticas neoliberais no Brasil implica na separação entre docência e pesquisa nas faculdades privadas, deixando a articulação entre pesquisa, ensino e extensão como algo quase exclusivo das universidades públicas. Em contrapartida, os governos social-liberais construíram políticas públicas de ampliação do acesso ao Ensino Superior para a classe trabalhadora, em especial pelo financiamento ou custeamento da formação em faculdades privadas.

Rosa nos disse que entrou na faculdade pelo ProUni, o que lhe faz ter uma relação diferente com a instituição do que seus colegas mensalistas: “*então eu não pago nada na faculdade, mas gente que paga, nossa, que passa uns maus bocados*”. Contudo, isso não torna a graduação um percurso simples, pois as oportunidades formativas a qual teve acesso compõem uma contraditória relação em sua vida, pois agora vivencia “*uma faculdade que te forma pro mercado de trabalho*”, e um mercado, em Psicologia, dominado pela prática clínica.

Isso se reflete na oferta das Ênfases Curriculares, que Rosa apresentou como um caminho quase que exclusivamente clínico:

eu to agora no sétimo período, eu não tenho tanta propriedade para falar porque eu estou vivendo algumas outras coisas anteriores a isso, quando começa ênfase é a partir do oitavo período que é quando começa a fazer os atendimentos clínicos [...] daí os meninos escolhem qual abordagem eles vão usar.

Nos questionamos se Rosa tem conhecimento do processo de oferta e escolha das ênfases enquanto direito dos estudantes de psicologia, pois aqui ele apareceu como uma determinação. Rosa também nos contou que estão acontecendo mudanças nesse sentido, pois *“eram [...]três semestres de clínica, agora vai ser...um deles vai ser em organizacional”*. Mesmo sem saber como vão ser essas *“inserções”*, ela reconheceu o fato dessa mudança vir por questões mercadológicas.¹⁰

Assim, vemos uma formação profissional que se direciona para um mercado específico, para aquele que possui um retorno financeiro mais palpável e rápido para seus egressos, o que fez com que Rosa se sentisse *“um pouco deslocada [...] agora eu to vendo muitas coisas práticas que vou usar mesmo pra clínica e já eu nem sei se eu quero seguir clínica mais, sabe?”*. Em contrapartida, a possibilidade de ter uma formação favorável à carreira acadêmica fica restrita aos estudantes das instituições públicas, o que para Rosa era *“um dos meus sofrimentos [...] às vezes eu fico pensando que, tipo assim, tem hora que eu fico é...to muito tendenciada a seguir carreira acadêmica, fazer mestrado”*.

Portanto, Rosa apontou para o quanto sua formação não estava lhe proporcionando condições para se sentir preparada para as exigências da pesquisa acadêmica. Algo que foi compondo sua relação com os estudos, pois sabendo que a pesquisa era algo que lhe chamava a atenção, ela começou a perceber algumas disciplinas de maneira distinta:

¹⁰ Apesar da aprovação da Lei 13.935/19, que institui os serviços de Psicologia e Assistência Social nas escolas públicas, a oferta de uma ênfase curricular nesta área não é mencionada por Rosa como parte das mudanças em seu curso.

diferente de uma universidade que você já entra e já tem até iniciação científica, já te faz ficar mais próximo disso né, de certa forma [...] na particular tem isso, tem a matéria de metodologia de pesquisa e muita gente não dá a mínima, muita gente não capta o que precisa.

As práticas apareceram como algo forte nesse percurso formativo, em que Rosa teve acesso a distintas relações com o fazer psi, seu primeiro estágio básico envolvia o desenvolvimento de um projeto de pesquisa, e seu grupo escolheu compreender o *"impacto mental dos bolsistas numa escola particular"*. Rosa se encontrou através dos textos com Ana Bock, que lhe abriu um campo de perspectivas sobre o assunto, já que só teve contato com uma profissional da escola particular que foram, que é uma *"empresa né, porque não deixa de ser também"*. Então, a prática e as leituras apareceram como outros campos em que a formação acontece, onde há a possibilidade de desenvolver compreensões que a supervisão não abarcou, como ela diz do texto de Ana Bock e de seu olhar sobre a escola visitada.

Em outro estágio, Rosa pôde ir a uma instituição de adoção, em que trabalhou *"a parte de entrevista estruturada e semiestruturada, e livre"*. Suas supervisões apareceram como um espaço para conversar com a professora sobre *"o que a gente tava colhendo, o que tava acontecendo lá e ela dava um feedback e tal, pensava no que a gente poderia fazer, pra gente poder fazer o nosso trabalho"*. Apesar de trazer os elementos que foram aprendidos nessa prática e a relevância da supervisão, Rosa percebeu o quanto determinados assuntos tomavam a discussão:

eu percebia que [...] as pessoas tinham muita dificuldade [...] com essa questão técnica, que é essa questão de familiarizar ali com uma metodologia de pesquisa e elas tomavam muito mais tempo nesse sentido e elas acabavam que lá na orientação com a professora a gente nem discutia tanta coisa assim [...] o pessoal ficava mais

com dificuldade na questão do relatório, de fazer o relatório nas questões técnicas ali...técnicas, do que experiência

Rosa atribuiu o tempo despendido em conversas sobre a escrita de relatórios ao fato de terem pouco contato com disciplinas que discutem metodologias, e, também, pelo fato de muitos colegas não darem importância para as que possuem. Assim, mesmo sabendo da relevância da aprendizagem de metodologias para a construção da prática, ela indicou que tais conteúdos deveriam ser melhor trabalhados em sala de aula, a partir de outras disciplinas. Nesse sentido, o formal foi tomando um lugar maior nas práticas, o que ela sentiu como um prejuízo nas discussões sobre a experiência vivida.

No momento em que a entrevista foi realizada, Rosa estava começando um novo estágio, que se apresentou de maneira diferente. Ela disse que *“a gente só ta discutindo sobre o papel do psicólogo ainda”*, esse movimento fez com que Rosa pudesse ter um novo olhar para sua atuação, deixando as técnicas em segundo plano e pensando uma prática que *“vai sentir o grupo e vai trabalhar a partir daquilo ali, não vai com nada pronto, totalmente livre, isso aí eu to curtindo, ta me dando uma ansiedade legal de passar por esse estágio logo”*. Entendemos que discutir o papel do psicólogo é fundamental para uma apropriação dos compromissos assumidos na prática e da função social da profissão.

Mutarelli (2021) nos conta que a formação em Psicologia é direcionada ao cuidado com as pessoas, então, diferentemente de outros campos da saúde, sua prática se aproxima de um fazer artesanal, que olha para a singularidade das narrativas do indivíduo na constituição de sua prática. O grande perigo da medicalização na formação profissional, segundo a autora, seria o afastamento desse olhar, uma sobreposição das técnicas sobre a singularidade. Dessa maneira, Rosa nos apresentou um professor que inaugurou um novo movimento frente à

prática profissional, o “*dar um passo atrás*” que localiza a profissão e seu fazer frente à realidade que se apresenta, nos indicando uma perspectiva desmedicalizante, como diz:

ele não dá resposta de nada, ele só te faz pensar. Ele te leva a pensar, ele te leva a indagar, ele te leva a você bolar alguma coisa pra você fazer lá com eles, mas ele não te dá a resposta. E isso é muito legal, isso é muito interessante.

Assim, Rosa nos apresentou uma formação que se destaca por seu caráter neoliberal, muito vinculado a essa educação privada, colocada como produto em detrimento do processo formativo e que busca um resultado final e objetificado de sua prática, tornando-a mais suscetível a ser medicalizante. Mas, contraditoriamente, elementos reflexivos e que se direcionam a uma compreensão contextualizada da profissão também começaram a ser apresentados para ela mais recentemente. Algo que Antunes (2012) também discute como parte da história da Psicologia:

Trata-se da coexistência de uma Psicologia que avançou para uma ampliação em seu espectro de ação e que se consolidou como instância social comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária e uma psicologia que ainda se submete a concepções tradicionais e ultrapassadas, que não se atualiza e que atua com base em modelos que já foram analisados, criticados e superados há décadas (p. 62)

5.3. "*Quando eu não estudo eu não me sinto legal*": a autogestão do indivíduo neoliberal no Ensino Superior e outras possibilidades de constituição de si

Rosa vem de uma vida escolar marcada por anos de submissão a uma lógica neoliberal de educação, potencializada pelos cursinhos preparatórios, que colocam a educação como um produto destinado ao ingresso no Ensino Superior. A escolha por uma faculdade privada já lhe apresentou uma necessidade de grande investimento e dedicação para conseguir chegar a uma

pós-graduação em comparação a uma formação na Universidade Pública. Assim, ao recorrer a profissionais formados em instituições privadas eles lhe afirmaram a possibilidade do mestrado, com o condicionante de ela *“correr atrás”*. Algo que Rosa reconhece ser uma constante em sua vida: *“isso eu fiz, fiz bastante e faço até hoje”*.

Tal realidade colocou sobre Rosa uma necessidade muito grande de manter um ritmo de estudo diferente, *“eu tenho outro padrão de estudo, então como eu estudo? Tenho estudo muito aprofundado, vou muito atrás das coisas, isso é um lado positivo porque num mestrado eu vou precisar dessa autonomia e tal”*. De fato, a autonomia é uma característica importante no desenvolvimento profissional, mas quando colocamos isso em perspectiva com a história que Rosa nos contou, seu significado pareceu se constituir também por elementos individualizantes e voltados a uma lógica que concebe o indivíduo como uma empresa, o que produz um modo de avaliar as ações sob a ótica do investimento e do lucro.

Esse modo de pensar fez as dúvidas, que compõem essa formação generalista e cheia de escolhas que é a Psicologia, tomarem uma proporção grande em seu percurso, pois:

e se eu começar a estudar alguma coisa que não for nada a ver, for balela e eu to aqui perdendo o meu tempo? e aí qual que é o caminho? qual é o caminho que eu vou seguir? qual é a coisa certa? ah, mas porque tal coisa?

Vivenciar a graduação é algo que Rosa disse ser muito importante para ela, mas ter sobre si a responsabilidade por preencher as lacunas dessa formação faltante trouxe também sofrimentos, reforçados por uma urgência do agora.

Safatle (2021) nos conta que o neoliberalismo apresenta a realidade por uma falsa perspectiva de escassez, ou seja, nos mostra que a vida é uma competição na qual estamos sempre perdendo. Isso nos faz perceber a abundância, ou seja, a conquista da vitória nessa competição como um ponto fixo no futuro (o que pode ser exemplificado na famosa frase:

“trabalhe enquanto eles dormem”). O que essa ideologia apaga é a relatividade do que é a abundância, as condições desiguais em que ela é produzida e onde ela se localiza. Assim, nos parece que Rosa começa a ponderar seu futuro profissional de maneira que não haja espaço para o erro, onde as escolhas do agora são determinantes de um futuro que também se constitui por certa imprevisibilidade, como diz:

vou seguir carreira de mestrado, qual que eu vou? Vou pra Psicologia Social, vou pra neurociências, vou pra Psicologia Clínica, que que eu vou fazer? Sabe? E aí eu fico pensando nisso, e ainda assim...naquele viés de determinismo, nossa se eu for escolher um trem eu já tenho que começar a fazer aquilo lá hoje

Apesar disso, Rosa também nos falou de maneira crítica sobre a faculdade que estava cursando e o contexto em que se insere, pois “*é todo aquele viés, né, nossa de aulas é...de capitalismo né [...] fazer com que a gente produza, produza mais, ganhe mais, e é isso, explore mais, então todo esse contexto que a gente vê*”.

E, por ser uma empresa, sua relação com a instituição também perpassava a ideia de cliente-prestador de serviços, o que chegava até a maneira como os docentes eram compreendidos pois, “*se a gente avaliar os professores mal, no próximo semestre eles rodam*”. Assim, também foram se constituindo relações marcadas por uma lógica de direito do consumidor.

Outro aspecto relevante sobre a formação são as reflexões que o curso proporcionou, e que foram adentrando a relação de Rosa consigo mesma e mobilizando afetos, em especial as disciplinas que ela considerava mais filosóficas. Dessa forma, os convites que essas disciplinas propuseram de olhar para a realidade concreta e pensá-la pelo campo da Psicologia:

me traz muito desconforto, muito...é...muito algumas coisas que parece que tipo assim, sabe, que, nossa, não quero mais sentir isso, não quero mais pensar sobre isso [...] mas faz parte do processo, eu gosto disso mas tem hora que cansa pra caramba.

E de fato, cansa. Entrar em contato com uma realidade desigual, cheia de contradições e complexidades exige muito, ainda mais quando nos reconhecemos nela. Mas, será que esses convites também não ajudam a inaugurar novas maneiras de se posicionar diante da vida?. Rosa também trouxe reflexões importantes que foram, aos poucos, dando elementos para pensar sobre essa pergunta.

Algo importante que destacamos das reflexões que Rosa nos contou foi a possibilidade de *“olhar pro mundo [...] como algo multicausal, como tudo ter várias e inúmeras influências, como não generalizar as coisas, como não tomar partido de uma coisa, como não ser intolerante, no sentido de se fechar para outras coisas, sabe?”*. Isso foi reforçado pelo reconhecimento de estar dentro desse sistema adoecedor, que vem pela tentativa de *“perceber isso, esses momentos de muita produtividade, entendendo cada vez mais, estudando essa relação de capitalismo...de uma visão neoliberal das coisas e percebendo o quanto isso influencia nessa nossa concepção de mundo aqui”*.

Ela falou de um *“desconforto”* de *“estar nesse sistema”*, em que *“a gente fica nesse negócio de que parece que o dia tem que ter 48 horas”*, só que *“isso é coisa minha também”*. Apesar de aqui tal constatação ter aparecido de maneira tão individualizante e culpabilizante, ela foi além e nos trouxe que *“não tem que ser assim né, a gente acredita mas não tem que ser assim também não”*. Rosa, então, nos apresentou novas possibilidades formativas que encontrou ao longo desses anos de graduação e que lhe trouxeram um olhar mais leve e menos auto responsabilizante sobre seu percurso:

fui vendo que dava pra eu ter o mesmo tipo de produtividade nos meus estudos sendo dessa forma, sem me cobrar tanto, sem...eu não deixava de fazer as coisas que eu tinha pra fazer, eu fazia em menos tempo, mas eu percebi que eu tinha mais tempo de qualidade, sabe?

Trazer os espaços “*de lazer, de sair, de ter meus momentos de vinho [...] ter outros hobbies[...] sair, correr, caminhar, fazer atividade física, fazer luta*” são dimensões que pareceram constituir uma perspectiva desmedicalizante na vida de Rosa, tanto em sua relação com os estudos quanto consigo mesma. Além disso, a coletividade também ganhou uma nova posição em sua vida, “*privilegiar momentos de interação social [...] ter mais momentos de trocas com meus amigos, que eu percebi que isso é riquíssimo*”.

Olhar para si mesma e perceber que “*eu não sou só uma, sou várias outras áreas da minha vida*”, algo que ela atribuiu muito ao seu processo de autoconhecimento, foi um elemento que também ajudou a inaugurar novas relações com sua formação, pois a partir de então “*respondo ao meu corpo*”. E Rosa não trouxe isso de maneira descontextualizada, mas reconhecendo que “*eu tenho muito privilégio por ser assim*”, por poder compor sua rotina de maneira diferente de muitos colegas que naquele momento precisavam conciliar estudo e trabalho.

5.4. "Achei que cê tava falando de mercantilização": o conceito de medicalização e a formação em Psicologia

Como Rosa nos indicou que a medicalização não havia sido um conceito trabalho expressamente em sua formação, utilizamos a nuvem de palavras como um recurso importante para mediar a construção de uma compreensão conjunta do fenômeno. Assim, o

diálogo acerca do assunto foi sendo composto por elementos da história de Rosa, de sua formação e da construção de sua atuação profissional.

Inicialmente, apresentei a nuvem de palavras para Rosa no intento de começarmos uma conversa sobre medicalização, tendo em vista que o conceito poderia não ter sido apresentado em seu percurso até aquele momento. Pedi para ela me dizer quais palavras se destacavam, pensando em sua formação. Assim, Rosa trouxe ponderações sobre elementos medicalizantes que apareceram na sua história escolar, reconhecendo em seu processo de escolha profissional uma busca por salvação e solução das desigualdades sociais presentes em sua vida à época:

salvação [...] solução também [...] controle (ri), mas é muito daquilo, cê lembra que eu te falei, qual que é a tríade ali nossa...é...medicina, direito e engenharia civil, que são as áreas ali que dá dinheiro, que salva, que o pobre só vai pra frente se ele estudar, então dessa noção, vai desse sentido de solução, a solução pras coisas é o estudo

A partir de então, ela contou dessa perspectiva como algo que ficou no passado, que não constituía mais quem ela era e sua relação com a formação. Assim, pensando naquele momento, ela destacou as palavras “*ciência e [...] individualização [...] no sentido de que é um curso, pelo menos o meu, que transforma bastante [...] que mexe muito comigo como indivíduo*”. Quando decidimos inserir a palavra individualização na nuvem, a compreendíamos como um processo que reduz fenômenos multideterminados à singularidade das pessoas. Rosa nos surpreendeu com outro sentido, a partir da pergunta que fiz e das reflexões empreendidas por ela, olhando para a individualização como um processo de desenvolvimento proporcionado pela formação, ou seja, pelo quanto essa formação lhe transforma(va) enquanto indivíduo.

Também perguntei quais palavras ela percebia que a aproximavam ou distanciavam do que ela pensava acerca de sua futura atuação profissional. Em relação às palavras que distanciavam, Rosa destacou normatização, generalização e medicamentos, pois:

não vejo a Psicologia com esse olho, como algo que vai, que elas...que eu vou encapsular, que vou rotular, que eu vou normatizar, nesse sentido de generalizar, que eu vou pôr tudo dentro desse pacote, mesmo que tem algumas teorias que trazem isso e eu discordo de muitas delas.

Continuando uma crítica à medicalização, Rosa abordou mais especificamente a questão da psicologização na prática em psicologia: *“não acho que seja uma salvação [...] que eu vou ajudar, não...mas o simples estar ali pro outro, pra ter processo [...], que posso construir com a outra pessoa também, eu não quero me colocar como pilar”*.

Então, vi uma oportunidade de perguntar para Rosa como ela compreendia as questões sociais na constituição do ser humano. E ela respondeu que enxergava *“uma influência gigantesca”*, pois *“somos pessoas diferentes [...] temos marcas sociais diferentes, somos um país com culturas diferentes”*. Então, Rosa disse que ao considerar o social, sua prática seria criada *“a partir do contexto daquela pessoa”*. Partindo de um olhar da Psicologia Histórico-Cultural, compreendemos que o social não somente influencia, mas constitui o indivíduo, à medida que o indivíduo também constitui o social. Assim, elaborar uma prática a partir do contexto da pessoa é pensar também na mediação de ferramentas para a transformação das condições concretas de existência.

Perguntei para Rosa sobre seu contato com o termo medicalização, ela me respondeu que *“quando eu li [...] achei que cê estava falando mercantilização”*. É interessante essa associação, pois de certa maneira eu também estava, já que a mercantilização das relações sociais e dos direitos básicos faz parte de um projeto de sociedade extremamente

medicalizante, pois aumenta as desigualdades sociais e nos responsabiliza por suas consequências em nossa vida.

Essa aproximação de palavras remete ao que Vigotski (2009) ensina sobre o processo de internalização dos conceitos, quando eles passam a se localizar dentro de uma rede de relações lógicas com outras palavras, refletindo a construção da nossa cultura e, conseqüentemente, nossa constituição. Assim, mercantilização e medicalização são conceitos que se conectam dentro do conhecimento psicológico, e tomar consciência dessa relação também provoca aprendizado e desenvolvimento.

Apesar de não conhecer o conceito, o contato com a pesquisa fez com que Rosa refletisse sobre ele: “*que que vem na minha cabeça? remédio, cura [...] da educação, aí eu falei ‘nossa, que legal, nunca nem tinha visto esse tema assim nessa forma sabe, com esse nome, dado nomes aos bois nesse sentido’*”. E não apenas ficou na reflexão, mas promoveu o movimento de pesquisar sobre o assunto, o que sensibilizou novas apropriações sobre o que é medicalização da educação para Rosa:

na escola comecei a ouvir um pouquinho, um pouquinho sobre essa questão do fracasso escolar, assim na faculdade né, quando a gente foi lá pra fazer um estágio lá, depois até falei do artigo da Ana Bock, de achar que as questões da escola estão no indivíduo, de achar [...] o menino não tira nota boa, o menino só quer saber de jogar bola ali na escola, tá furando as aulas, porque isso? Diz de uma outra questão, às vezes até a escola que está ali num outro plano que não está nada adequada para a realidade daquele ambiente ali e diz que é tudo culpa do menino e da família dele, entendeu?

Vigotski (2009) aponta que os conceitos científicos são aprendidos através de mediações de outros conceitos na educação formal, mas isso não significa que o fenômeno só

passa a existir na vida quando nomeado. Pelo contrário, a palavra nos ajuda a organizar nossas vivências frente ao fenômeno e agir sobre ele na cultura, desvelando sua historicidade. Assim, sua compreensão começa no campo da abstração e, aos poucos, vai ganhando elementos afetivos-emocionais e sendo reconhecido na vida.

Portanto, ao pesquisar sobre o assunto e começar a se apropriar do conceito, começam a surgir novas relações com experiências e conteúdos que já fazem parte da vida e da formação de Rosa. Resgatar as denúncias que Ana Bock (não só ela, mas tantas outras autoras, dentre as quais destaco Patto, 2022) fez sobre essa Psicologia que localiza na família e na criança a culpa pelo desempenho escolar, demonstra um pequeno recorte desse processo. Já que os estudos sobre o fracasso escolar, em muitas autoras, estão intimamente ligados aos estudos e compreensões sobre a medicalização da educação.

6. POR UMA FORMAÇÃO DESMEDICALIZANTE EM PSICOLOGIA

O presente trabalho buscou investigar, por meio de um estudo de caso, as compreensões de uma estudante de psicologia de uma faculdade privada da cidade de Uberlândia sobre o conceito de medicalização. Além disso, procurou identificar junto a ela como a lógica neoliberal de ensino e produção de si constituem sua formação e apontam para caminhos medicalizantes na sua trajetória no Ensino Superior. E, também, como ela encontra outras possibilidades formativas que resistem a esse modo de pensar a profissão e a vida. Para tanto, foi realizada uma entrevista semi-estruturada e apresentada, como recurso, uma nuvem com palavras que se relacionam com o conceito de medicalização.

Fazer uma breve retomada histórica do fenômeno da medicalização nos mostrou o quanto a Ciência é uma ferramenta potente de análise e construção da realidade, que vai sendo produzida para atender as necessidades de cada época. Entretanto, não é uma entidade apartada da cultura e, numa sociedade que tem a luta de classes como fundamento, ela pode ser utilizada para atender a interesses diversos. A medicalização surge como uma resposta às exigências de um período histórico e, à medida em que o capitalismo se aprofunda e necessita de novas ferramentas para justificar sua crescente desigualdade, ela começa a se tornar um dos instrumentos de dominação daqueles que não se ajustam a esse sistema.

A linguagem, ao assumir o ponto central na inserção do ser humano na cultura, se torna esse potente universo de promoção de uma lógica de competição, da construção de um indivíduo auto vigilante e que avalia o mundo e a si mesmo por uma perspectiva empresarial. Assim, as mudanças provocadas pelo neoliberalismo nas instituições e nas relações sociais, impactam a vida no alargamento das desigualdades nas condições concretas que cada indivíduo vai ter para se apropriar da cultura. Parte desse movimento vem através da maneira

como a educação é transformada em produto, apagando a sua função social em detrimento das avaliações de performance, colocada em linhas de sucesso e fracasso.

Esse processo vai nos tornando cada vez mais suscetíveis a ter nossa vida medicalizada. Pois, somos levados a acreditar por esse sistema que temos em nossas mãos todos os elementos necessários para ser esse indivíduo pronto, acabado e bem sucedido. E, na impossibilidade de sermos, devemos ser os únicos culpados pelo fracasso. Mas, quando esse modo de pensar por si só não nos servir de resposta, a medicalização ajuda a localizar na biologia uma explicação simples e ideológica para isso, e ainda nos dá o tratamento (medicamentoso ou não) para nos anestesiarmos o suficiente para dar andamento à vida produtiva.

A Psicologia é um dos campos da ciência que tem em sua história uma grande relação com o fenômeno da medicalização, pois o controle moral dos sujeitos é fundamental na manutenção de toda essa cadeia de relações que vai compor o sistema em que vivemos. Pensar na formação, então, nos ajuda a vislumbrar elementos que possibilitam a construção de práticas profissionais que fogem a esse modo de vida e a essa tentativa de ajustamento dos indivíduos a uma sociedade adoecida e adoecedora. E, contraditoriamente, nos ajuda a vislumbrar elementos que buscam reproduzir esse mesmo modo de vida e prática profissional.

Rosa também nos apresentou as contradições dessa educação neoliberal, que precariza o ensino público na Educação Básica e lhe fez assumir a dura responsabilidade pela criação das condições de ensino-aprendizagem que lhe possibilitassem o ingresso no Ensino Superior. Tendo como objetivo, por muito tempo, uma ideia de ascensão social por meio da educação, ela não mediu esforços para correr atrás de preencher as lacunas de uma escolarização que é desigual em sua própria produção. Isso esconde o fato de que a precarização das condições de

ensino-aprendizagem não é só uma realidade, mas um projeto que reduz as possibilidades de humanização e transformação da cultura para as classes trabalhadoras.

E Rosa não percebeu isso apenas na educação básica, mas também ao adentrar no Ensino Superior Privado, que lhe forma(va) para o mercado de trabalho e reduz(ia) seu contato com a produção científica. Contudo, Rosa também encontrou outros espaços formativos que lhe possibilitaram a construção de uma outra relação consigo mesma e com os estudos, demonstrando que essa formação não é restrita aos muros da faculdade, mas também acontece nos mais diversos campos da vida.

A faculdade também lhe apresentou Psicologias distintas, que em alguns momentos focava nas técnicas e num conhecimento clínico formatado, mas que em outros momentos apontava para a importância da reflexão, do reconhecimento de seu papel profissional e lhe aproximavam desse fazer artesanal. Concordamos com Mutarelli (2021) que a medicalização se torna um perigo na formação de profissionais de psicologia quando deixa esse último aspecto que Rosa encontrou na sua formação de lado, e vai direcionando sua prática à obtenção de resultados objetivos por meio de práticas generalizadas. E percebemos na fala de Rosa elementos que nos indicam possíveis afastamentos dessa concepção.

O fato do conceito de medicalização não ser ensinado e trabalhado de maneira explícita no percurso formativo de Rosa não significa que outros conceitos e vivências não lhe indiquem a sua existência, mesmo que com ligações ainda frágeis entre eles. Entretanto, ao ser explicitado na formação ele pode ser importante para fornecer novas ferramentas de análise e compreensão do fenômeno psicológico, na busca por maneiras desmedicalizantes de nos constituirmos enquanto indivíduos (que fogem dessas condições precárias de humanização do neoliberalismo) e de realizarmos escolhas teórico-práticas comprometidas com um projeto de sociedade democrática e igualitária, mas de maneira consciente.

7. REFERÊNCIAS

- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para apreensão da constituição dos sentidos. *Psi. Ciência e Profissão*, 26(2), 222-245. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>
- Almeida, M. R. (2008). *A relação entre a consciência individual e a consciência de classe : uma análise das contribuições de Vigotski sobre a consciência da classe trabalhadora* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Paraná.
- Amarante, P. (1996). O Homem e a Serpente: outras histórias para a loucura e a Psiquiatria. 1ª ed., Editora Fiocruz.
- Angelucci, C. B. (2014). Fórum Sobre Medicalização da Educação e da Sociedade. In: Viégas, L. S., Ribeiro, M. I. S., Oliveira, E. C., & Teles, L. A. L. (Orgs.). *Medicalização da Educação e da Sociedade: ciência ou mito?* (301-314). EDUFBA.
- Antunes, M. A. M. (2012). A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. *Psicol. Ciência e Profissão*, 32(spe), 44-65. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500005>
- Antunes, M. A. M. (2008). Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. *Psicol. Escol. Educ.* 12(2), 469-475. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000200020>
- Botomé, S. P. (2010). A quem nós, psicólogos, servimos de fato?. In: Yamamoto, A. H., & Costa, A. L. F. (Orgs.). *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil*. Natal: Edufrn.
- Carcanholo, M. D. (2008). Dialética do desenvolvimento periférico: dependência, superexploração da força de trabalho e política econômica. *R. Econ. contemp.*, 12(2),

- 247-272. Recuperado de:
<https://www.scielo.br/j/rec/a/R3DpCGtLmtpBvjDx63vPD6f/?format=pdf&lang=pt>
- Chauí, M. (2008). *O que é ideologia*. 2ª ed. Brasiliense.
- Checchia, A. K. A. (2010). *Adolescência e escolarização numa Perspectiva Crítica em Psicologia Escolar*. Editora Alínea.
- Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (2010). *Manifesto de lançamento do fórum sobre medicalização da educação e da sociedade*. Recuperado de:
http://www.crpsp.org.br/medicalizacao/manifesto_forum.aspx
- Côrtes, T. L. (2021). A potenciação da expropriação no ultraneoliberalismo brasileiro. *Mundo Livre: Revista Multidisciplinar*, 7(1), 62-85. Recuperado de
<https://periodicos.uff.br/mundolive/article/view/48249>
- Costa, B. R. L. (2018). Bola de Neve Virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. *Rev. Interdisciplinar de Gestão Social*, 7(1), 15-37. Recuperado de:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>
- Dardot, P. & Laval, C. (2016) *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. 1ª ed., Boitempo.
- Figueiredo, L. C. M. (2008). A constituição do espaço psicológico. In: Figueiredo, L. C. M. *Matrizes do Pensamento Psicológico* (Cap. 1, 13-22). Editora Vozes.
- Firbida, F. B. G. (2017). *A formação do psicólogo e a medicalização das dificuldades de aprendizagem* [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, Brasil.
- Firbida, F. B. G., & Vasconcelos, M. G. (2019). A construção do conhecimento em Psicologia: a legitimação da medicalização. *Psicologia Escolar e Educacional*, v.23, e016120. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392019016120>

- Fonseca, J. J. S. (2002). Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC. Apostila.
- Fórum Sobre Medicalização da Educação e da Sociedade. (2020). Manifesto Desmedicalizante e Interseccional: “Existirmos, a que será que se destina?”. *Movimento-Revista de Educação*, 7(15), 194-204. DOI: <https://doi.org/10.22409/mov.v7i15.43018>
- Freitas, F., & Amarante, P. (2017). Medicalização em Psiquiatria. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Galindo, D. C. G., Lemos, F. C. S., Vilela, R., Garcia, B. (2016). Medicalização e governo da vida e subjetividades: o mercado da saúde. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 16(2), 346-365. Recuperado de: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/29164/20635>
- González Rey, F. L. (2013). O que oculta o silêncio epistemológico da Psicologia. *Pesquisas e práticas psicossociais*, 8(1), 20-34. Recuperado de: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapi/Volume8_n1/PPP_Art_2.pdf
- Gomes, M. A., & Lima, A. B. de. (2010). PROGRAMAS ALTERNATIVOS DE INGRESSO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR COMO POLÍTICA EDUCACIONAL FOCALIZADA. *Nuances: Estudos Sobre Educação*, 17(18). DOI: <https://doi.org/10.14572/nuances.v17i>
- Gil, A. C. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. São Paulo: Atlas.
- Kalmus, J. (2010). *Ilusão, resignação e resistência: marcas da inclusão marginal de estudantes das classes subalternas na rede de ensino superior privado* [Tese de Doutorado]. Universidade de São Paulo.

- Lordelo, L. R. (2011). A Crise na Psicologia: Análise da Contribuição Histórica e Epistemológica de L. S. Vigotski. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 537-544. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400019>
- Lucci, M. A. (2006). A proposta de Vygotsky: a Psicologia Sócio-Histórica. *Rev. de currículum y formacióm del profesorado*, 10(2). Recuperado de: <https://recyt.fecyt.es/index.php/profesorado/article/view/42087>
- Luiz, L. H. T. (2013). *Os impactos do neoliberalismo no ensino superior privado no Brasil*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Uberlândia.
- Mancebo, D., & Rocha, M. L. (2000). Práticas neoliberais na universidade: reflexões sobre a formação em psicologia/educação. *Psicologia da Educação*, 10/11, 155-167. Recuperado de: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/41409>
- Mota, J. S. (2019). Utilização do Google Forms na Pesquisa Acadêmica. *Rev. Humanidades e Inovação*, 6(12), 372-380. Recuperado de: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>
- Mutarelli, A. (2021). O perigo da medicalização na formação em psicologia. In: Lemos, F. C. S., et al (Orgs.). *Formação em Psicologia: entremeios da educação, trabalho, saúde e políticas sociais no ensino, pesquisa e extensão*. Curitiba: Editora CRV.
- Negrão, J. J. O. (2004). O governo FHC e o neoliberalismo. *Lutas Sociais*, (1), 103–112. DOI: <https://doi.org/10.23925/lis.v0i1.18809>
- Oliveira, M. K. (1992). Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus.
- Pasqualini, J. C., & Martins, L. M. (2015). Dialética Singular-Particular-Universal: Implicações do Método Materialista Dialético para a Psicologia. *Psicol. Soc.*, 27(2), 362-371. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p362>.

- Patto, M. H. S. (2022). *Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar*. Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. DOI: <https://doi.org/10.11606/978658759634>
- Patto, M. H. S. (2022). *Produção do Fracasso Escolar: Histórias de Submissão e Rebeldia*. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786587596334>
- Pereira, J. B. (2023). Neoliberalismo e desenvolvimento da concepção de mundo: uma leitura a partir da Psicologia Histórico-Cultural. *Germinal: Marxismo E educação Em Debate*, 15(1), 93–115. DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v15i1.52629>
- Prestes, Z. (2021). A teoria histórico-cultural, a ciência e a medicalização da educação. In: Oliveira, E. C., Viegas, L. S. & Neto, H. S. M. (Orgs). *Desver o mundo, perturbar os sentidos: caminhos na luta pela desmedicalização da vida*. Salvador: Edufba.
- Puentes R. V., & Longarezi, A. M. (2013). Escola e didática desenvolvimental: seu campo conceitual na tradição da teoria histórico-cultural. *Educ. rev. [Internet]*, 29(1), 247–71. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982013005000004>
- Resolução CNE/CES N° 1, de 11 de Outubro de 2023. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cne/ces-n-1-de-11-de-outubro-de-2023-518120795>
- Resolução CNE/CES N° 5, de 15 de Março de 2011. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Saúde. Câmara de Educação Superior.

https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN52011.pdf

Safatle, V. (2021). A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: Safatle, V., Silva Junior, N., & Dunker, C. (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica.

Souza, V. L. T., & Andrada, P. C. (2013). Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. *Estudos De Psicologia (campinas)*, 30(3), 355–365. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2013000300005>

Tuleski, C. S. (2012). Reflexões sobre a gênese da Psicologia Científica. In: Duarte, N. (Org.). *Crítica ao Fetichismo da Individualidade*. (2ª ed.), Autores Associados.

Ventura, M. M. (2007). O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. *Rev. SOCERJ*, 20(5), 383-386. Recuperado de: http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf

Vigotski, L. S. (2009). A construção do pensamento e da linguagem. 2ª ed. WMF Martins Fontes.

8. APÊNDICE A

Roteiro da Entrevista Individual

Me conta um pouco de como foi sua entrada na universidade. O que te motivou a escolher a instituição que está inserida(o)? O que te atraía na Psicologia?

Na sua faculdade, quais opções de ênfase são ofertadas? Você já pôde escolher qual caminho seguir? Como foi esse processo?

Você teve contato com alguma prática durante o curso? Como foi sua preparação para esse momento?

Você percebe que a graduação, em algum momento, lhe causou situações desafiadoras de serem vivenciadas? Quais? Como você lidou com elas?

Você se sente auxiliada(o) pela instituição de ensino superior quando precisa? De que maneira isso acontece?

Já vivenciou alguma situação durante a graduação em que você ou algum colega precisou de suporte emocional? Como foi?

Como é a sua rede de apoio? De que maneira ela te auxilia em relação à sua graduação?

Como você compreende a produtividade? De que maneira você lida com ela?

Me conta um pouco da sua rotina. Quais outras atividades você concilia com os estudos?

Você sente que existe uma competitividade frente à sua formação?

Você consegue ter momentos de lazer e/ou descanso em sua rotina? De que maneira?

Já teve momentos da sua graduação em que estava cansada(o) e com muita demanda? Como você enfrentou essa situação?

Quais cobranças se entrelaçam ao seu cotidiano na graduação?

Você acredita que sua singularidade tem sido considerada no seu percurso no curso? Como? (Caso não, de que maneira você acredita que ela poderia ser considerada?)

Ao pensar em seu encaminhamento para o fim da graduação e entrada no mercado de trabalho, quais sentimentos aparecem? Que recursos você utiliza para lidar com eles?

Pensando no seu processo de formação, alguma das palavras apresentadas se destaca? Por que?

Como você compreende, a partir do que aprendeu e vivenciou até o momento no curso, a ideia de saúde e doença?

De que maneira você entende que as questões sociais se relacionam com os processos de vida do ser humano?

Você acredita que a atuação em psicologia e política se relacionam de alguma forma? Como? De que forma essa questão tem sido abordada na sua formação?

Já teve contato com alguma discussão sobre o fenômeno da medicalização no seu curso? Como foi?

Como você pensaria uma atuação em Psicologia que luta contra a medicalização?

9. APÊNDICE B

Questões do Formulário Eletrônico

Qual período do curso está cursando atualmente?

Em qual instituição você cursa a graduação em Psicologia?

Ao pensar em “Medicalização da Educação”, qual(is) palavra(s) que vêm a sua mente?